



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COLEGIADO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**O MOVIMENTO HIPHOP NA ESCOLA PÚBLICA:
Uma análise relacional entre o movimento *Hip hop* e a educação
no programa Amapá Jovem**

**Macapá – Ap
2010**

**ANA CRISTINA CAVALCANTE MOIA
ERIKA PATRÍCIA MENEZES DE MORAES
VALÉRIA OLIVEIRA AMORIM**

O MOVIMENTO HIPHOP NA ESCOLA PÚBLICA:

**Uma análise relacional entre o movimento *Hip hop* e a educação
no programa Amapá Jovem**

Trabalho de Conclusão de Curso –TCC,
apresentado ao Curso de Licenciatura e
Bacharelado em Ciências Sociais junto a
Universidade Federal do Amapá, como
requisito final para a obtenção do título de
Sociólogo sob orientação do Prof. Msc
Richard Douglas Coelho Leão.

**Macapá – Ap
2010**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Moia, Ana Cristina Cavalcante.

O movimento Hip hop na Escola pública: Uma análise relacional entre movimentos sociais e educação no programa Amapá Jovem / Ana Cristina Cavalcante Moia, Érika Patrícia Menezes de Moraes, Valeria Oliveira Amorim. – Amapá: [s.n.], 2010.

91 f.; Il.; enc.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, Curso de Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Msc. Richard Douglas Coelho Leão.

1. Programa Amapá Jovem. 2. Movimento hip hop. 3. Cultura. 4. Educação formal. 5. Educação não fomal. I. MORAES, Érika Patrícia Menezes de. II. AMORIM, Valeria Oliveira. III. Título.

CDD: 320

Bibliotecário: Silvério Júnior
CRB-2 / 1111

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (**Lei nº 9.610/98**) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**ANA CRISTINA CAVALCANTE MOIA
ERIKA PATRÍCIA MENEZES DE MORAES
VALÉRIA OLIVEIRA AMORIM**

O MOVIMENTO HIPHOP NA ESCOLA PÚBLICA:

Uma análise relacional entre o movimento *Hip hop* e a educação no programa Amapá Jovem

Trabalho de Conclusão de Curso –TCC, apresentado ao Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais junto a Universidade Federal do Amapá, como requisito final para a obtenção do título de Sociólogo, submetido à Banca Examinadora composta pelos Professores:

Banca Examinadora

Prof. Msc Richard Douglas Coelho Leão (Orientador)
Instituição: UNIFAP

Prof. Dr. Manoel de Jesus de Sousa Pinto (Examinador 1)
Instituição: UNIFAP

Prof. Esp. Raimundo de Lima Brito (Examinador 2)
Instituição: UNIFAP

Apresentado em: ___/___/_____

Conceito: _____

Dedicamos este trabalho aos nossos familiares
que não mediram esforços para a realização de
nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos a Deus pela inspiração e força de vontade para compreender e superar todas as dificuldades encontradas no percurso deste trabalho.

Aos nossos familiares que nos apoiaram nos momentos difíceis, que nos compreenderam e estiveram sempre ao nosso lado para que nada nos faltasse nesta caminhada, a eles o nosso carinho.

Aos nossos companheiros, Juracy Segundo, Lucas Rodrigues e Waldemir Moraes pela paciência, cumplicidade, dedicação e apoio incondicional. A eles todo o nosso amor.

Aos professores da Universidade Federal do Amapá, em especial a professora Eliane Superti, que com seu jeito de ensinar nos transmitiu conhecimentos válidos para nossas vidas.

Nossos agradecimentos, ao orientador desta monografia, Professor Richard Leão, pelas orientações e palavras de incentivo que nos ajudaram a superar os obstáculos e a buscar cada vez mais melhorar as capacidades intelectuais.

Aos nossos colegas de turma, que foram muito mais que colegas, pois compartilharam conosco momentos agradáveis de alegria e que nos momentos de dificuldades nos ofereceram a sua amizade e palavras de conforto. Obrigado pela força.

Enfim, a todos aqueles que não citados nestes agradecimentos e nem por isso deixaram ou deixarão de ser lembrados por nós, e aqueles que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho, a eles dedicamos a conclusão deste ciclo.

RESUMO

Este trabalho pretende discorrer sobre as políticas públicas voltadas para a juventude do Estado do Amapá analisando a forma pela qual o movimento *hip hop*, enquanto juventude organizada vem participando das políticas públicas buscando compreender as relações entre o mesmo e o Estado, bem como os avanços alcançados pelo grupo em prol de sua cultura e sua contribuição através de suas atividades sócio-pedagógicas voltadas para o despertar da consciência política, social e cultural dos jovens assistidos pelo programa de governo Amapá Jovem. Essa pesquisa envolveu as instituições responsáveis pela elaboração ou aplicabilidade das políticas públicas voltadas para a juventude da cidade de Macapá, os militantes do movimento *hip hop*, as escolas e os jovens bolsistas do programa. Neste cenário, a implementação do Programa Amapá Jovem, trouxe para o movimento a oportunidade de expor para a sociedade as suas ideologias e a forma como desenvolve a consciência crítica dos jovens através da cultura. A análise realizada acerca deste tema concluiu que o movimento *hip hop* pode ainda sobre um novo prisma se constituir como um processo de educação não formal capaz de contribuir com o desenvolvimento da educação formal, como também com o desenvolvimento crítico social do próprio aluno que passa a deter uma consciência mais competente diante da sociedade em que vive. Desta forma o trabalho se propõe a investigar a relação existente entre o Movimento *hip hop* e a educação formal, viabilizada pelo Programa Amapá Jovem.

PALAVRAS-CHAVE: Programa Amapá Jovem, movimento *hip hop*, cultura, educação formal e não formal.

ABSTRACT

This work intends to discourse on the public politics directed toward youth of the State of the Amapá analyzing the form for which social and cultural the movement hip hop, while organized youth comes participating of the public politics searching to the same understand the relations between and the State, as well as the advances reached for the group in favor of its culture and its contribution through its partner-pedagogical activities come back it to awake of the conscience politics, of the young attended for the program of Young Amapá government. This research involved the responsible institutions for the elaboration or applicability of the public politics directed toward the youth of the city of Macapá, militant of the movement hip hop, the schools and the young scholarship holders of the program. In this scene, the implementation of Young the Amapá Program, brought for the movement the chance to display for the society its ideologies and the form as it develops the critical conscience of the young through the culture. The analysis carried through concerning this subject concluded that the movement hip hop can on a new prism if still constitute as a process of not formal education capable to contribute with the development of the formal education, as well as with the social critical development of the proper pupil who passes ahead withholds a more competent conscience of the society where he lives. In such a way the work if considers to investigate the existing relation between the Movement hip hop and the formal education, made possible for Young the Amapá Program.

KEY WORDS: Young Amapá program, movement hip hop, culture, formal and not formal education.

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AMAJUV	Associação Amapaense de Apoio a Juventude
EAP	Escola de Administração Pública
NBR	Norma Brasileira Regulamentadora
ONG	Organização Não Governamental
PRODAP	Processamento de Dados do Amapá
SECOM	Secretaria de Estado da Comunicação
SECULT	Secretarias do Estado da cultura
SEDEL	Secretaria de Esporte e Lazer
SEED	Secretaria de Estado da Educação
SEJUV	Secretaria Extraordinária de Políticas Públicas para a Juventude
SEPLAN	Secretaria de Planejamento Orçamento e Gestão
SETE	Secretaria de Estado e Empreendedorismo
SIMS	Secretaria de Estado de Inclusão e Mobilização Social
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Opinião dos entrevistados sobre o movimento <i>hip hop</i> -----	49
Gráfico 02 – Percepção dos entrevistados quanto a influência do <i>hip hop</i> na sua forma de perceber e transformar a realidade-----	50
Gráfico 03 – Para você o <i>hip hop</i> é um movimento social, político ou cultural? -----	50
Gráfico 04 – Contribuições do <i>hip hop</i> para o desenvolvimento do processo educativo na visão dos entrevistados -----	51
Gráfico 05 – Questões sociais debatidas dentro das oficinas de <i>hip hop</i> -----	52
Gráfico 06 – Motivos que levaram os entrevistados a participarem do Programa Amapá Jovem -----	53
Gráfico 07 – Opinião dos entrevistados sobre a inserção do <i>hip hop</i> na sua escola-----	53
Gráfico 08 – Opinião dos alunos sobre a organização do Programa Amapá Jovem dentro da sua escola-----	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 HIP HOP: MOVIMENTO CULTURAL, SOCIAL OU POLÍTICO?	15
2.1 A CULTURA <i>HIP HOP</i>	15
2.2 MOVIMENTOS SOCIAIS	17
2.2.1 O Movimento <i>Hip hop</i> como movimento social	20
2.2.2 Integração Social no Movimento <i>Hip hop</i>	22
2.3 O MOVIMENTO <i>HIP HOP</i> E A ABERTURA POLÍTICA PARA A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS MAIS DEMOCRÁTICOS	23
3 A FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE AMAPAENSE	27
3.1 O PERCURSO METODOLÓGICO	27
3.2 A ASSESSORIA DA JUVENTUDE	27
3.2.1 A SEJUV e o programa Amapá Jovem	28
3.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES	30
4 O HIP HOP NA ESCOLA PÚBLICA	35
4.1 O <i>HIP HOP</i> COMO OUTRA POSSIBILIDADE EDUCACIONAL	35
4.2 A FORÇA PEDAGÓGICA DO <i>HIP HOP</i>	39
4.3 A REALIDADE DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO FORMAL	43
4.4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA PESQUISA DE CAMPO REALIZADA NAS ESCOLAS REINALDO DAMASCENO E SANTA INÊS	45
4.4.1 Resultado percentual geral referente aos dados apresentados nas tabelas acima das escolas Reinaldo Damasceno e Santa Inês	47
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	62
APÊNDICES	100

1 INTRODUÇÃO

Entre 1995 e 2007 diversas discussões em torno da juventude Amapaense estiveram em pauta para a elaboração de políticas públicas para esse seguimento populacional, conferências foram realizadas, assessorias foram criadas e por fim, foi criada a Secretaria Extraordinária de Políticas Públicas para a Juventude que trouxe como Programa Governamental o Amapá Jovem que vem sendo executado em todos os 16 municípios, porém, a nossa pesquisa de campo foi desenvolvida apenas na capital, a cidade de Macapá. Este Programa tem como finalidade contemplar os vários grupos da juventude organizada como a capoeira, o marabaixo, os roqueiros, entretanto, o grupo que iremos analisar nesta pesquisa é o movimento *hip hop*.

No capítulo 2 buscar-se-á explicar o que vem a ser o movimento *hip hop*, o que significa a sua cultura, o que são movimentos sociais, qual a sua forma de atuação como um movimento social, como o movimento contribui para que haja mais espaços democráticos e conseqüentemente a implementação de políticas públicas. Pois de acordo com FOCHI (2004, p. 05) “os movimentos sociais nasceram com o intuito de reivindicar os direitos dos mais necessitados e excluídos de alguma forma pela sociedade, tendo sua forma de organização caracterizada por grupos, que a partir daí buscam definir as idéias que serão defendidas e os objetivos que o grupo busca alcançar.”

O movimento *hip hop* é um movimento que tem como característica a cultura marcada pelos elementos que o compõe: *Break, MC, DJ e Graffiti*, por esse motivo, muitas vezes é visto pela sociedade somente como um “gênero musical”, porém conforme FOCHI (2007, p. 02) o *hip hop* é muito mais que um “estilo musical” e se constituiu não só como um movimento cultural, mas também como um movimento social. Dessa forma, além de possuir uma cultura bastante definida, o movimento *hip hop*, tem o papel de expor para a sociedade quais os problemas que atingem principalmente a população que mora na periferia, negros, pobres e excluídos, e dessa forma, através da cultura *hip hop*, atrair os jovens, e assim poder conscientizá-los acerca da importância de serem atuantes e participantes da sociedade como atores sociais.

O capítulo 3 se destinará a descrição dos esforços do poder público para com a juventude amapaense que tem sido notórios a partir das conferências realizadas, da criação da Assessoria da Juventude, da Secretaria Extraordinária de Políticas Públicas para Juventude e por fim, da implementação do Programa Amapá Jovem que foi o meio pelo qual o movimento

hip hop pôde alcançar maior visibilidade social. Neste sentido analisaremos a atuação do *hip hop* nos espaços públicos, a forma como dialoga com as autoridades governamentais, o compromisso com seu papel social e os possíveis avanços para o fortalecimento da cultura.

Pretendemos dissertar no capítulo 4 sobre o *hip hop* como outra possibilidade educacional, isto é, como este movimento pode ser entendido como uma alternativa não formal capaz de contribuir com o desenvolvimento do processo educativo dos alunos e também com o progresso da própria educação, visto que, a partir do momento que estes alunos são motivados por novas possibilidades, estes também são impulsionados a construir uma consciência mais crítica e questionadora acerca da sociedade. Os adolescentes e jovens que passam a conhecer de fato o que é o movimento *hip hop*, podem se tornar em meio a esta nova alternativa, protagonistas do seu próprio processo educacional e de acordo com Magro (2002, p.63) “deixam de ser meros atores de um modelo ou ordem já estabelecida e passam a ser autores de suas vidas”.

Portanto, neste presente tema, pretendemos expor quais as principais contribuições que o movimento *hip hop*, se em parceria com as escolas, pode oferecer através de suas propostas sócio-culturais para educação formal, visto que, um dos seus principais objetivos é através da sua força pedagógica em via não formal, estimular os educandos a construir uma consciência mais crítica sobre o meio em que vivem. Neste aspecto, o *hip hop* pode ser realmente entendido como outra possibilidade educacional e através da sua força pedagógica contribuir com a educação formal? E qual a relação existente na realidade entre estes dois processos de educação: o formal e o não formal? As questões a serem respondidas em relação aos três capítulos que vamos fundamentar são muitas e as mesmas pretendemos responder com imparcialidade e objetividade no decorrer de nossa monografia. Contudo, este trabalho e esta pesquisa justificam-se pela interessante história que estrutura a relação entre o Programa de Governo Amapá Jovem, o movimento *hip hop* e a educação.

A partir desses pressupostos, pesquisar sobre a cultura *hip hop* é ter a oportunidade de conhecer a sua dinâmica e a força que este movimento representa tanto no contexto cultural, como político, social e educacional, neste caso, como já foi ressaltado anteriormente, nossa pesquisa foi focada principalmente no contexto educacional, sendo que, a nosso ver, a educação é a mola mestra que deve impulsionar o desenvolvimento de todo ser humano, assim, seja ela formal ou não formal, deve objetivar sempre buscar novas alternativas que façam com que os educandos saiam do abismo da acomodação e se tornem pessoas mais informadas, conscientizadas e politizadas diante da sua própria realidade.

Para a realização desta pesquisa adotamos as seguintes metodologias: pesquisa bibliográfica (livros, artigos, revistas científicas), pesquisa documental e pesquisa de campo sob uma abordagem metodológica qualitativa e quantitativa. Portanto, esta pesquisa foi pautada em uma consulta preliminar junto aos sites do governo, em seguida visitamos a Secretaria Extraordinária de Políticas Públicas para a Juventude - SEJUV, com a finalidade de obtermos informações a respeito do Programa Amapá Jovem e das escolas em que estavam acontecendo as oficinas de *hip hop*. O universo desta pesquisa compreendeu três escolas da rede pública da cidade de Macapá: Coelho Neto, Reinaldo Damasceno e Santa Inês, onde procuramos identificar os resultados da interação entre o movimento *hip hop* e os alunos que participam do programa na faixa etária de 15 à 29 anos de ambos os sexos.

2 **HIP HOP: MOVIMENTO CULTURAL, SOCIAL OU POLÍTICO?**

2.1 A CULTURA HIP HOP

O Movimento *hip hop* possui características que procuram chamar a atenção da sociedade para os problemas presentes principalmente na periferia. A cultura *hip hop* é uma cultura que surgiu nas ruas, com o intuito de reivindicar espaço e voz para as periferias, e que encontrou como formas de expressão o (*RAP-Rhythm and Poetry*), a dança (o *break*) e a arte plástica (o *graffiti*). A utilização do *rap*, característica mais acentuada do *hip hop*, ilustra essa afirmação, pois, através das letras os *rappers* denunciam a realidade social de determinada comunidade e expõem à sociedade o preconceito racial e social, a pobreza, a violência, entre outros (MAGRO, 2002, p.06-09).

Os militantes do Movimento no Estado do Amapá afirmam que através desses elementos o movimento expõe os seus questionamentos e “mostra para a sociedade o que ele quer”.

De acordo com os autores Bonora, Buriti e Carvalho (2008, p.01-02), Bambaataa¹ foi o responsável por reunir as quatro manifestações artísticas: *break*, *graffiti*, *DJ* e *MC*, que compõem a cultura *hip hop*, e também foi o responsável por nomeá-lo. Para os militantes, por diversas vezes a cultura *hip hop* é entendida como originada exclusivamente nos Estados Unidos, porém, o que aconteceu lá foi a junção dos quatro elementos: *MC* (Mestre de Cerimônias), *DJ* (Disc-Jockey), *Break* (dança de rua) e o *GRAFFITI* (Arte visual e plástica). Portanto, esses elementos já existiam separadamente em vários países africanos e posteriormente juntaram-se nos Estados Unidos, formando assim a cultura *hip hop*. Podemos observar essa afirmação em um pensamento de Quirino (2008, p.04):

Assim, o movimento *hip hop* é a conexão de processos comunicativos, que surgiu proveniente da fusão entre a música jamaicana, a dança porto-riquenha e a vontade dos afro-americanos e latinos norte-americanos de transformarem suas realidades por meio do comprometimento social (QUIRINO, 2008, p.04).

¹ Afrika Bambaataa fazia parte de uma gangue em Nova York, porém, depois de um tempo percebeu que as gangues não traziam soluções para os conflitos sociais, e então começou a juntar vários sons que deram origem aos *rap*'s. Bambaataa é conhecido como o fundador oficial do *hip hop* e era líder da Zulu Nation, uma ONG que tem como princípio as bases do *hip hop* e que viajou por diversos países fazendo palestras, show's e arrecadando fundos para campanhas Anti-racistas.

Para Quirino (2008, p.04-05) os quatro elementos do movimento *hip hop* são impregnados de “representatividade e significados”. Segundo o autor, existe diferenças entre esses elementos, porém o objetivo de cada um é comum: transmitir uma mensagem e conscientizar para a realidade que está sendo vivida. Segundo a autora, o Rap pode ser considerado o principal elemento do *hip hop*. Outra característica do Rap é o fato de possuir uma forma mais dinâmica de promover a conscientização e a informação, pois, é através do *Rap*, que o *MC* delata os problemas conturbados dos subúrbios. Tudo isso é controlado pelo *DJ*, que é quem manuseia o som, através da *pick up* (mesa de toca- discos de vinil). Os outros elementos também estão interligados:

Já o *Break* está fortemente ligado às raízes latinas, e recebeu contribuições de diversas culturas, como por exemplo, a capoeira, artes marciais, ginástica artística, sapateado e a *black music*. O *grafitti*, por sua vez, configura o elemento visual do movimento *hip hop*. (QUIRINO, 2008, p.05)

Segundo Schober (2004, p.01), o movimento *hip hop* brasileiro é “único”, e embora sua origem seja norte-americana, adaptou-se no Brasil sem grandes dificuldades: “O movimento no Brasil é híbrido, com traços evidentes da cultura nacional: no *hip-hop* brasileiro tem *rap* com um pouco de samba, *break* parecido com capoeira e grafites de cores muito vivas” (SCHOBBER, 2004, p.01). De acordo com a opinião de alguns militantes, o *hip hop* é uma “cultura híbrida” e se organiza de acordo com a realidade em que atua. Um exemplo disso, segundo os militantes, é que no Estado do Amapá o movimento *hip hop* utiliza a influência da cultura tradicional negra do marabaixo, conforme explica um militante:

O Movimento *hip hop* aqui (Amapá) é diferenciado, até porque nós tentamos englobar aqui dentro mesmo, as nossas raízes, a questão do batuque, do marabaixo. Nós tentamos focar mais a cultura local do movimento. (*B.boy* Guinha, coordenador do grupo de dança de rua Macapá Break e presidente da Federação Amapaense de Dança de Rua).

Segundo os militantes o movimento *hip hop* brasileiro possui um elo com os movimentos da América do Sul, por existirem certas semelhanças entre eles. Porém, a relação com o movimento atual existente nos EUA mais especificamente, é quase inexistente, pois, apesar da formação do movimento brasileiro ter sido inspirada no movimento norte-americano, os dois movimentos não compartilham das mesmas idéias. Um exemplo dado pelos militantes são as lutas defendidas pelo movimento no Brasil: como a integridade da mulher, algo que ao contrário é banalizado nas letras dos *rap's* dos EUA. Segundo os militantes, esses *rap's* mostram em sua maioria, idéias que o movimento brasileiro não

defende. Segundo Schober (2004, p.01), uma das diferenças entre o movimento brasileiro e o norte-americano, é exatamente o nível de politização dos movimentos: “Na opinião dos militantes brasileiros, o *hip hop* nacional é mais crítico e politizado que o norte-americano.”

Os militantes procuram destacar que o movimento não é só um movimento cultural, mas um movimento sócio-cultural, que tem uma ideologia a ser seguida e, portanto, não se resume somente a dançar, grafitar, cantar ou discotecar. Nas entrevistas realizadas, os militantes relataram que a juventude é o segmento da sociedade que mais se identifica com o *hip hop*, principalmente pela cultura, porém, muitos confundem e acabam por achar que o *hip hop* se resume somente a prática de algum dos elementos, conforme opinião do *B.boy* Spaick:

O jovem, que compõem o público que mais se identifica com o *hip hop*, gosta muito do *hip hop*, pela música, pelo *Rap*, ou pela dança, ou pelo *grafitti*, ou pela discotecagem, se identifica com um dos elementos. Só que o jovem confunde, por exemplo, tem um jovem que dança, a dança de rua (o *break*), o *b.boy* tem que ter consciência, tem que ser politizado, ele tem que ter um conhecimento de causa, para poder chegar e conversar com qualquer pessoa. (*B.boy* Spaick, coordenador da Companhia de Dança de Rua Estilo Negro, de Macapá)

A cultura *hip hop* pode ser elucubrada como a possibilidade de inserção do jovem da periferia em um processo que permite a sua expressão e construção da sua identidade, “recriando” e “refazendo” os jovens que se engajam no movimento.

Para os militantes do Movimento *hip hop* do Amapá, a cultura *hip hop* é uma “cultura ligada à juventude”, que tem como papel principal trabalhar a conscientização dos jovens, abordando temas sociais e problemáticas que estão presentes no cotidiano da sociedade como um todo.

2.2 MOVIMENTOS SOCIAIS

Segundo Gohn (1992, p.15-16), os movimentos sociais surgiram como resposta a um panorama de exploração e inferiorização da pessoa humana, criado pelo surgimento do capitalismo. Nesse momento os movimentos sociais tornaram-se um meio de luta por mudanças sociais. A partir de então, os cidadãos que fazem parte dos movimentos sociais não lutam por um direito seu unicamente, mas por um interesse da coletividade. Dessa forma, como os movimentos sociais são constituídos em grupos, acaba se estabelecendo entre os cidadãos, elos que conectam seus problemas e anseios. Assim, na sua maioria os movimentos sociais são formados por pessoas que possuem uma ideologia e que se reúnem em torno de um objetivo, buscando o senso comum, conforme o pensamento de Maria da Glória Gohn:

O coletivo deve ser o cenário, o espaço de construção das vontades, através do pluralismo das idéias, de seus confrontos, e da formulação de linhas comuns que possibilitem a canalização das vontades individuais em vontades coletivas. (GOHN, 1992, p.108)

Dessa forma serão respeitadas as diferentes opiniões e não somente a uma única. Porém, nem sempre as pessoas que fazem parte de um determinado movimento irão se beneficiar diretamente pela causa defendida pelo grupo, mas de alguma forma se sentem sensibilizadas e lutam pelos direitos de uma coletividade, mesmo que não estejam inseridas nela. Em regra as lutas impetradas pelos movimentos sociais dizem respeito a causas que trazem em seu bojo a exploração, os problemas sociais, a valorização da dignidade humana e buscam essas mudanças na maioria das vezes sem a interferência do Estado, mas procurando mobilizar e sensibilizar os cidadãos.

Segundo Fochi (2007, p.04), os movimentos sociais começam a se constituir a partir de uma reunião de pessoas, que possuem uma causa pela qual lutam, e representam na sociedade transformação social. Segundo o autor, as principais características dos movimentos sociais são a oposição à ordem vigente e o protesto contra algum costume ou norma que possa gerar uma situação desagradável. Fochi (2007, p.05) também argumenta que cada movimento possui sua identidade, sua característica. E o descontentamento perante uma determinada situação, é o que define as lutas impetradas pelo movimento:

Podemos afirmar que todo movimento tem sua identidade, suas características, sua causa. Estas são geradas por uma insatisfação que leva a uma contestação, uma controvérsia contra a situação e, especificamente, contra o que ou quem a criou, ou seja, o adversário, o inimigo (FOCHI, 2007, p. 05).

Segundo Scherer-Warren (2006, p.05) o movimento social se constitui em torno de três elementos: uma identificação, uma definição de opositores e de um projeto, e assim permanece em um contínuo processo de construção. A autora destaca ainda que os movimentos sociais de base apreendem cada vez mais que necessitam estar articulados a fim de que possam alcançar mais benefícios e cidadania:

[...] os movimentos sociais de base locais (de moradores, sem teto, sem terra, etc.) percebem cada vez mais a necessidade de se articularem com outros grupos com a mesma identidade social ou política, a fim de ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera pública e obter conquistas para a cidadania. (SCHERER-WARREN, 2006, p.05)

Nesse sentido, foi possível perceber nas falas dos militantes, que o movimento *hip hop* não está desligado de outros segmentos culturais e sociais. Pois, na medida em que defende idéias que são comuns às de outros movimentos, passam então a unir-se

ideologicamente a estes, dessa forma, nas entrevistas os militantes procuraram ressaltar que um dos objetivos do movimento *hip hop* é resgatar a auto-estima dos negros, indígenas, pobres, mulheres, entre outros atores sociais:

As idéias defendidas é a questão mesmo das excluídos, dos negros, a igualdade, violência, saúde, cidadania, então é o que é bom para o povo brasileiro, é o que o *hip hop* defende. A gente conversa, luta muito contra o racismo, contra a homofobia, contra a violência contra a mulher, violência juvenil, contra todas as violências. (DJ Preta, coordenadora do Pólo da Escola Estadual Coelho Neto)

Para Scherer-Warren (2006, p.07) os movimentos sociais que se constituíram nas “sociedades globalizadas, multiculturais e complexas”, desenvolveram identidades mais plurais e suas lutas assumiram múltiplas dimensões:

Nas sociedades globalizadas, multiculturais e complexas, as identidades tendem a ser cada vez mais plurais e as lutas pela cidadania incluem, freqüentemente, múltiplas dimensões do *self*: de gênero, étnica, de classe, regional, mas também dimensões de afinidades ou de opções políticas e de valores: pela igualdade, pela liberdade, pela paz, pelo ecologicamente correto, pela sustentabilidade social e ambiental, pelo respeito à diversidade e às diferenças culturais, etc. (SCHERER-WARREN, 2006, p.07)

Na opinião de Fernandes (2007, p.02) os movimentos sociais possuem uma “identidade social e uma maneira de pensar e agir” própria, e tem como finalidade agregar e motivar pessoas para a defesa de objetivos:

Trata-se de um empreendimento coletivo que busca uma nova ordenação da vida, procurando conjugar expectativas, ansiedades e motivações de um conjunto de pessoas e de organizações, no sentido de construir concepções transformadoras do cotidiano das sociedades e de pôr em causa padrões e valores que impedem o exercício da cidadania plena e da integralidade dos direitos humanos. (FERNANDES, 2007, p.02)

Para Cardoso (1987, p.06) as identidades dos movimentos sociais são fundamentadas na experiência de vida comum de cada um que faz parte do grupo, e a sua autenticidade é assegurada pela sua forma democrática de funcionamento. Segundo a autora esses movimentos representam transformação social e instrumentos de modificação do “jogo político”:

Considerados como novos atores do cenário político, estes movimentos são apresentados como fontes de transformações da sociedade e de mudanças profundas na estrutura de dominação vigente. Organizados a partir de novas identidades sociais, ultrapassam o quadro institucional vigente, exigindo o reconhecimento de categorias excluídas do jogo político e são, portanto, instrumentos de modificação deste jogo. (CARDOSO, 1987, p. 06)

Fochi (2007) ressalta que cada grupo tem sua causa específica e se organiza em torno dela, no entanto, ao buscar o reconhecimento de suas particularidades ou diferenças, como consequência acabam afetando a estrutura social e provocando mudanças na sociedade. Desse modo, o movimento amplia o alcance do seu objetivo inicial, e o seu desempenho acaba repercutindo em outras instâncias sociais.

2.2.1 O Movimento *Hip hop* como movimento social

Conforme a opinião dos militantes, o movimento *hip hop* é um movimento questionador, que incentiva os jovens a lutar pelos seus direitos e também mostra quais são os seus deveres. O *hip hop* busca o resgate da cidadania não só dos jovens, mas também da população em geral, trabalhando esses valores em consonância com a cultura.

Os militantes criticam o movimento na Europa e nos EUA, pois segundo eles, nesses lugares o movimento perdeu muito das suas características originais. Outra crítica sustentada pelos militantes é com relação ao movimento em São Paulo, pois para os militantes o movimento no Amapá é mais organizado, e um exemplo disso é o fato de o Estado possuir duas federações², com isso, segundo os militantes, o movimento conseguiu se organizar em grupos e assim crescer e desenvolver um movimento mais estruturado.

Porém, essa opinião não é compartilhada por todos os militantes. Pois, para alguns militantes, o movimento *hip hop* do Estado do Amapá não é unido como deveria ser, segundo eles há um destaque maior para alguns elementos do que para outros, como foi citado por eles, a dança (*break*) possui maior destaque no Estado do Amapá do que o *MC*, o *DJ* e o *Graffiti*. Segundo os militantes, o movimento deveria proporcionar a todos as mesmas oportunidades de demonstrar o seu trabalho. Conforme Cardoso (1987, p.08), os movimentos sociais só representam uma unidade se analisados de fora:

Estes movimentos só formam uma unidade quando os olhamos de fora e procuramos as semelhanças. Se priorizarmos suas diferenças, deixam de formar um objeto uniforme para mostrarem sua fragmentação. (CARDOSO, 1987, p.08)

Conforme pensamento de Fochi (2007, p.02), o *hip hop* além de música e dança, é um movimento que busca conscientizar, educar, instruir, etc. E além de promover momentos de diversão para os moradores das periferias, também luta pelos direitos e o respeito da

² Federação Amapaense *Hip hop* e Federação Amapaense de Dança de Rua

sociedade para com esse povo. Segundo Fochi (2007, p.02), diferente do pensamento que é comum na sociedade, o *hip hop* não é um gênero musical. A música, assim como a dança, constitui apenas um dos meios de manifestação da cultura *hip hop*, segundo o autor, talvez por esse motivo as pessoas assimilem o nome *hip hop*, como um estilo musical e de dança, porém, o *hip hop* vai além:

Além de estratégia para atrair os jovens e conter disputas e violência entre as gangues, a música, dança e arte do *hip hop*, funcionam como elementos de promoção da cultura. Para fazer as letras, inventar novos passos de dança e expressões artísticas, é preciso conhecer a realidade, conhecer história, estar engajado. Dessa forma, promove-se a conscientização e a inserção social dos indivíduos - ou pelo menos, inserção e conscientização quanto à dura realidade que se encontram. (FOCHI, 2007, p.02)

Ainda de acordo com o autor (2007, p.07), quando o *hip hop* chegou ao Brasil, inicialmente com a dança (*break*) - em que os dançarinos imitavam os passos dos cliques norte-americanos - as pessoas aproximavam-se do *hip hop* atraídas pela diversão, música, entretenimento. Enquanto isso, os indivíduos se organizaram, criaram as posses³, e começaram a encontrar objetivos em comum, que contestavam situações vivenciadas por todos, e desse modo se constituíram como movimento social.

Para Fochi (2007, p.07), o *hip hop* nasceu como um estilo estético, de dança e música, e somente depois de um tempo reuniu os elementos necessários para tornar-se um movimento social, e a partir de então, passou a engajar-se nas lutas dos negros, dos pobres, das camadas sociais oprimidas e do povo da periferia. Os militantes ressaltaram que o trabalho do movimento é voltado para a periferia, as músicas, letras de *rap*, eventos, todo o trabalho social e cultural do movimento é focado principalmente nos jovens que moram nesses locais, pois, para os militantes, os jovens que moram nesses locais, estão mais predispostos a se envolverem na criminalidade.

Segundo Quirino (2008), o *hip hop* além de expressar os anseios da juventude, torna-se uma opção de transformação:

Como movimento que expressa os anseios de uma juventude, na maioria das vezes marginalizada, o *hip hop* surge como opção de transformação. Esta conscientização só ocorre devido à troca de informações e conseqüentemente de um processo comunicativo, onde o receptor reage de forma participativa à mensagem do emissor. (QUIRINO, 2008, p.8)

³ Segundo LIMA (2007, p.7), “posses” significa a união de dois ou mais elementos com um certo número de pessoas indeterminado, em torno de um objetivo em comum, “que são caracterizadas por ações coletivas bem definidas de conscientização política e exercício da cidadania”.

Segundo Quirino (2008, p.12), o *hip hop* é uma cultura de resistência, que luta contra o conformismo e busca conscientizar, e para isso tem que dizer o que ninguém quer ouvir, mostrar o que ninguém quer ver. Para a autora, o *hip hop* além de “produzir conexões musicais”, possibilita a construção de uma nova visão acerca do Brasil. Para os militantes, o Movimento *hip hop* ainda é visto com muito preconceito e discriminação e para eles, participar do Programa Amapá Jovem é uma oportunidade de dar maior visibilidade ao movimento, proporcionando a oportunidade à população para que possa conhecer melhor e assim formular outra concepção sobre o movimento.

2.2.2 Integração Social no Movimento *Hip hop*

A origem do movimento *hip hop* no final da década de setenta nos Estados Unidos, tem como base a reação aos conflitos sociais e à violência urbana sofrida pelos estratos mais baixos e mais pobres da sociedade. Dessa forma, o *hip hop* trouxe para os jovens de periferia um espaço para a mobilização e conscientização acerca dos problemas sociais, criando uma rede de articulações no campo social com o intuito de reivindicar direitos que são essenciais para a vida digna de um cidadão.

Na opinião de alguns militantes, o movimento *hip hop* “é um movimento de resgate”, que utiliza a cultura para recuperar jovens que estejam em risco social. Nesse sentido, esse resgate acontece não só no campo cultural, mas também no social. Um exemplo disso, segundo os militantes, é o número alto de jovens que saíram de situações de violência e marginalidade, e hoje estão participando do movimento, por isso a cultura *hip hop* é denominada também, pelos militantes, como uma cultura de paz. E para eles, o movimento possui a facilidade de trabalhar essa “cultura de paz” com os jovens, pelo fato do movimento possuir uma linguagem juvenil, que escuta o jovem e também permite que ele apresente suas opiniões, pois os militantes acreditam que os jovens anseiam por mudanças, conforme o pensamento de uma militante:

O hip hop tem uma linguagem juvenil, portanto, é diferente de uma organização que não tem um jeito de chegar e falar do jeito que o jovem fala, e não tem aquele “lance” de escutar o jovem, que muita gente não escuta, e isso atrapalha muito, porque os jovens têm idéias, os jovens querem mudanças. (DJ Preta, coordenadora do Pólo da Escola Estadual Coelho Neto)

Para os militantes, o movimento *hip hop* é um movimento que historicamente é igual a qualquer outro movimento social, porém, se diferencia por ser essencialmente da periferia. É um movimento que tem como alvos principais: a cultura da periferia, dos jovens e da população negra, essas são as raízes do movimento segundo a opinião dos militantes. Para os autores Bonora, Buriti e Carvalho (2008, p.03-04), o *hip hop* se identifica com a periferia e, portanto, torna-se um movimento não só cultural, mas também social:

O *hip hop* se desenvolve como um movimento composto não apenas por artes musicais, visuais e da dança, adquirindo também contornos sociais, principalmente em decorrência de sua identificação com o ambiente periférico. (BONORA, BURITI E CARVALHO, 2008, p.03-04)

Conforme a opinião dos militantes, o fato de o movimento *hip hop* ser composto em sua maioria por jovens, que moram em periferias e em sua maioria negros, justifica a visão preconceituosa que as pessoas têm do movimento. Outro fator também apontado pelos jovens é a falta de conhecimento da sociedade como um todo sobre a cultura *hip hop*. A opinião dos militantes, com relação às idéias defendidas pelo movimento, não é resumida em uma só idéia, mas em um torno de uma ideologia que orientam as ações nas quais o movimento deve se engajar, conforme podemos observar na fala de um militante:

O *hip hop* defende várias idéias, mas partimos do princípio da inquietação, da incomodação, do questionamento, entretanto, entendemos que temos uma missão muito importante na sociedade – que é de preparar a juventude para construir sua própria história, isto é, o protagonismo. O processo ideológico do movimento *hip hop* brasileiro enfrenta a exclusão social, o racismo, machismo e todas as outras formas de mazelas sociais. (MC Póca, integrante do grupo Afroritmos e presidente da Federação Amapaense de *Hip hop*).

2.3 O MOVIMENTO *HIP HOP* E A ABERTURA POLÍTICA PARA A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS MAIS DEMOCRÁTICOS

Os debates políticos promovidos dentro do movimento *hip hop* possibilitam aos jovens participantes, a descoberta de meios práticos com os quais podem ingressar nas questões políticas e buscar o alcance dos ideais defendidos pelo movimento, despertando no jovem o questionamento quanto à realidade social e as políticas públicas destinadas aos jovens e a população menos favorecida.

Especificamente no Estado do Amapá, segundo a opinião dos militantes, o movimento encontra muitas dificuldades em obter recursos para a cultura. Dessa forma, passam a buscar recursos em Brasília em que, segundo eles, há maior possibilidade de obtê-

los do que no próprio Estado. Para os militantes, foi na gestão do governador Antônio Waldez Góes, que o movimento alcançou maior visibilidade, após ter sido incluído no Programa Amapá Jovem. Porém, apesar disso, para os militantes ainda é uma política insuficiente e superficial e não chega a atender a demanda de necessidades do movimento:

Na verdade as políticas de Estado, de governo, não chegam até nós. Hoje tem o Programa Amapá Jovem, que supriu parte de uma demanda, mas não deu para aglutinar todo mundo. (*B.boy* Guinha, integrante do grupo de dança de rua Macapá *Break* e presidente da Federação Amapaense de Dança de Rua)

Um dos indicativos, para os militantes, de que as políticas governamentais destinadas ao movimento *hip hop* e à juventude ainda são deficientes, é que, segundo eles, muitos militantes do próprio movimento estão sem oportunidade de emprego, e inclusive tem de se afastar do movimento devido a essas dificuldades. Para os militantes, as políticas públicas existentes atualmente, ajudam a fortalecer e a abrir portas para que o movimento possa adentrar outros espaços, porém, ainda são escassas, de maneira que ainda ficam muito aquém do esperado pelo movimento.

Segundo os militantes, uma das dificuldades em se implantar uma política que possa beneficiar de fato o movimento, é o fato de existirem políticas de governo e não de Estado, como explica o *B.boy* Guinha:

Na verdade o Estado não promove as políticas públicas, é a gente que tem provocar. Então hoje existe a política de governo, e não a de Estado voltada para o movimento *hip hop*, ou seja, existe por exemplo, o Batalha Amapá, aí vem o recurso para eles realizarem o evento e tudo o mais, aí vem o *hip hop* no Meio do Mundo, vem outro recurso, de novo *hip hop* Na Fronteira, vem outro recurso, mas isso daí é uma política de governo, aí saiu o Governador Waldez, entrou outro e depois vem outro e a gente não sabe como vai ficar. Agora de Estado, não existe para o movimento *hip hop*, que é aquela que entra governador e sai governador e ela permanece [...]. (*B.boy* Guinha, integrante do grupo de dança de rua Macapá *Break* e presidente da Federação Amapaense de Dança de Rua)

Na opinião dos militantes, o Programa Amapá Jovem além de constituir uma forma de divulgar o movimento, é também um canal para que os militantes possam chegar junto aos jovens que estão nos bairros periféricos e que não tinham a oportunidade de conhecer a cultura *hip hop*. Todavia, para alguns militantes, no início o programa trouxe expectativas de que seria uma política voltada para a juventude, entretanto, com o passar do tempo constataram que nos bastidores havia condutas que iam de encontro com o que o movimento defende:

Só que a gente se iludiu com o programa, porque era pra ser uma política pública pra juventude, mas por trás sempre tem uma “politicagem”, e isso atrapalha muito, porque quando a gente fala em rap, militância, a gente é contra “politicagem”, vamos dizer que é uma briga de dois lados, que enquanto eu estou dizendo pra um

jovem o que é uma política pra juventude, dizendo pra comunidade como um político devia se comportar, qual o trabalho dele, e por outro lado, o próprio pessoal da diretoria por exemplo, não mostra ser assim, então há aquela contradição, eu falo uma coisa, eles mostram ser outra coisa. Então a gente “bate de frente” e fala a verdade mesmo: ‘olha hoje em dia a política não acontece como devia ser.’ (MC Cabrero, integrante do Grupo Sinfonia da Humildade e coordenador de um pólo na Associação de Moradores do Bairro do Congós)

Mesmo assim os militantes reconhecem que através do Programa Amapá Jovem foi possível mostrar aos jovens bolsistas o que é o movimento *hip hop*, a sua ideologia, e os elementos que o compõem. Segundo os militantes, o trabalho dentro do programa funciona de modo que eles possam desenvolver suas atividades sem se envolver na “politicagem”, e assim trabalhar de forma mais neutra possível. Conforme o conceito trabalhado por Scherer-Warren (2006, p.05-06) sobre movimentos sociais em rede, esse processo de articulação dos movimentos e o Estado, gera conflitos no momento em que o movimento deve tomar a decisão de, ou se posicionar ao lado do Estado na promoção de políticas públicas ou ficar na oposição exercendo pressão ao lado da sociedade:

Nesse processo articulatório, atribuem, portanto, legitimidade às esferas de mediação (fóruns e redes) entre os movimentos localizados e o Estado, por um lado, e buscam construir redes de movimento com relativa autonomia, por outro. Origina-se, a partir desse fato, uma tensão permanente no seio do movimento social entre participar com e através do Estado para a formulação e a implementação de políticas públicas ou em ser um agente de pressão autônoma da sociedade civil. (SCHERER-WARREN, 2006, p. 05-06).

No sentido de ponderar se o movimento *hip hop* do Estado do Amapá, é um movimento social, cultural ou político, o que foi possível inferir com as respostas obtidas nas entrevistas, é que os militantes denominam o movimento *hip hop* como um movimento sócio-cultural. Os mesmos enfatizaram que o movimento não é adepto de uma determinada política partidária, nem a favor de um político ou governo em particular, contudo, é interessante observar que vários militantes trabalham em órgãos governamentais, e que os eventos promovidos pelo movimento e que possuem maior visibilidade na sociedade, são realizados com o apoio e verba do governo.

Dessa forma, pode-se notar que os militantes não consideram o movimento *hip hop* do Amapá como um movimento político, porque, segundo eles, ao mesmo tempo em que se mantém essa “parceria” com o governo, os *MC’S* não deixam de cantar em seus *rap’s* os problemas da periferia e de apontar quais as soluções que a população gostaria que o governo adotasse para os problemas enfrentados, assim, o movimento mantém-se ao lado do governo para buscar essas soluções, mas ao mesmo tempo não deixa de cumprir o seu papel que é lutar

a favor das camadas sociais excluídas da sociedade. Neste sentido, concordamos com o pensamento de Scherer-Warren (2006, p.05-06), quando expõe que os movimentos sociais, ora posicionam-se ao lado do governo contribuindo para a formulação de políticas públicas, ora desempenham um papel de “agente de pressão” em prol da sociedade civil, conforme destacado nas falas dos militantes do movimento *hip hop* no Estado do Amapá.

3 A FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE AMAPAENSE

3.1 O PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo visa o estudo do movimento *hip hop* enquanto complemento das políticas públicas voltadas para a juventude, através do programa de governo Amapá Jovem, buscando compreender de que forma ocorre essa relação e apontando os possíveis avanços ou retrocessos do movimento nesse contexto. Uma etapa da pesquisa foi desenvolvida através de visitas a Secretária Extraordinária de Políticas Públicas para a Juventude - SEJUV, com o intuito de obtermos informações sobre o programa e o local onde são desenvolvidas as atividades. Outra etapa da pesquisa foi realizada com os coordenadores em 02 escolas, Coelho Neto e Reinaldo Damasceno no período de 2009 a 2010 situadas nos respectivos bairros da cidade de Macapá: Novo Buritizal e Cuba de Asfalto.

Os colégios foram selecionados para esse estudo pelo fato de serem os únicos em que estavam acontecendo as oficinas de *hip hop*, e pelos pólos serem coordenados por militantes do movimento, e por fim, procuramos também obter informações sobre as políticas públicas para a juventude das gestões anteriores, buscando informações com pessoas que trabalharam nesse seguimento político da população, para compreendermos dessa forma como os gestores do nosso Estado vem trabalhando a questão das políticas públicas para os jovens, principalmente a juventude organizada em movimentos, tal como o *hip hop*. Podemos citar dessa forma, a educadora social Lucinete Tavares que se predispôs com toda atenção a nos repassar uma breve trajetória das lutas sociais em prol da juventude amapaense.

3.2 A ASSESSORIA DA JUVENTUDE

De acordo com informações repassadas pela psicóloga e educadora social dessa época, Lucinete Correia Tavares, a preocupação com as políticas públicas voltadas para o seguimento jovem da população teve seu início no ano de 1995 no governo de João Alberto Capiberibe, ano em que foi criada a Assessoria da Juventude que teve como secretário Randolfé Rodrigues. Nesse período a mesma também recebeu a colaboração de Marco Johnny de Oliveira. Ela era composta por três cargos: um coordenador geral e dois responsáveis pela

parte administrativa, e era ligada ao palácio do governo, mas funcionava externamente em outro endereço. No primeiro ano o trabalho era centrado em ações pontuais e desenvolvido com muita dificuldade devido à falta de recursos. Criou-se então uma ONG denominada de Associação Amapaense de Apoio à JUVENTUDE – AMAJUV. A captação de recursos para a viabilização dos projetos era externa, do Ministério da Educação, da Saúde, da Justiça e do próprio governo. A ONG funcionava no mesmo prédio, mas fora da assessoria, e lá continha vários projetos para a juventude, dentre eles: *Graffitiart*, Fala Juventude, Festival Jovem da Canção - FEJOCA, Geração Vida. Dentre estes, o *Graffitiart* foi o projeto que deu oportunidade ao movimento de ser reconhecido pelo poder público e assim poder difundir sua cultura.

A senhora Lucinete nos asseverou que a SEJUV foi uma continuidade do que foi iniciado na gestão anterior, no período da Assessoria da Juventude é que o movimento *hip hop* conseguiu progressão a partir do que foi desenvolvido dentro da mesma. Nesse período o Amapá foi pioneiro ao realizar a primeira Conferência Estadual para discutir políticas públicas para a juventude. Nesse sentido, através das informações obtidas, podemos perceber que as políticas implementadas hoje têm todo um histórico de lutas e debates para se chegar à condição com que se apresenta atualmente.

3.2.1 A SEJUV e o programa Amapá Jovem

A Secretaria Extraordinária de Políticas para a Juventude - SEJUV foi criada em 02 de junho de 2004, com a missão de promover a articulação das diversas políticas públicas promovidas pelos órgãos da administração estadual para a Juventude Amapaense. No início da nossa pesquisa a secretaria estava sendo coordenada por Marco Johnny de Oliveira, mas no decorrer da mesma, houve a transição política em que o governador Antônio Waldez Góes teve que ser substituído, devido a sua candidatura ao senado, pelo seu vice-governador Pedro Paulo Dias, assumindo assim a secretaria Rodrigo Alves Portugal.

Após uma conferência realizada no ano de 2007 em que houve a participação de todos os 16 municípios para identificar as perspectivas dos jovens e também da parceria entre algumas secretarias e órgãos do Estado como: Escola de Administração Pública - EAP, Secretaria de Estado de Inclusão e Mobilização Social - SIMS, Secretaria de Estado e Empreendedorismo - SETE, as Secretarias do Estado da cultura - SECULT e Esporte e Lazer - SEDEL, Secretaria de Estado da Comunicação - SECOM, Secretaria de Estado da Educação

- SEED, o Processamento de Dados do Amapá - PRODAP, Secretaria de Planejamento Orçamento e Gestão - SEPLAN, surgiram as propostas do Programa Amapá Jovem. Para tanto, através da Secretaria foi feito um levantamento dos programas e das ações desenvolvidas pelo poder público para esse seguimento, buscando assim um diálogo entre as organizações juvenis e os diversos órgãos públicos mencionados e em seqüência deu-se início ao cadastramento dos grupos e entidades da juventude, ou seja, dos movimentos juvenis em atividade.

O programa tem como técnico responsável Marco Antônio Souza de Jesus e Luzete Góes Ferreira e vem sendo executado nos 16 municípios do Estado, divididos em diversos pólos, ou seja, espaços para a execução das atividades que podem ser: arenas esportivas, quadras poliesportivas, praças, escolas, centros comunitários com objetivo o de Integrar as ações de Governo voltadas para a juventude. As ações, de acordo com a proposta, abrangem as áreas da educação, desporto e lazer, cultura, trabalho⁴, empreendedorismo, saúde e meio ambiente a fim de proporcionar o desenvolvimento integral dos sujeitos envolvidos. O objetivo principal do programa é incluir social e produtivamente a população jovem na faixa etária de 15 à 29 anos, estudante da escola pública.

O projeto⁵ teve como meta de atendimento 8.800 bolsistas⁶ contando com um quadro orçamentário de 17.170.000,00 para sua implementação, destinados a: transferência de renda para as atividades esportivas, culturais e de lazer, estágios remunerados, qualificação profissional, inserção no mercado de trabalho, ação de estímulo ao empreendedorismo manutenção do portal Amapá Jovem. Entretanto, nesta pesquisa foi possível identificar apenas as atividades esportivas, culturais e de lazer.

As ações deste programa focalizam a questão da cidadania, dos valores sociais e humanos. No entanto, o presente estudo se propõe a expor especificamente as contribuições do movimento *hip hop* para com a juventude amapaense, através de suas atividades de caráter sócio-pedagógico e também as concepções dos militantes em torno desse desafio de integrar as políticas públicas para a juventude analisando os possíveis avanços para o movimento.

Iniciamos nossa pesquisa de campo pela instituição onde funciona a SEJUV, o lugar chamado de Centro Arco-Íris que fica localizado na orla da cidade, no bairro Santa Inês. Durante o percurso da pesquisa nos deparamos com algumas dificuldades relacionadas à transição de governo, pois com a posse do vice-governador Pedro Paulo Dias, os funcionários

⁴ Através da **elevação da empregabilidade e colocação no mercado de trabalho.**

⁵ Ver anexo.

⁶ Que estejam em situação regular de ensino na rede pública, tendo prioridade o jovem em situação de vulnerabilidade social com uma renda *per capita*, por família, de ½ salário mínimo.

da secretaria pareciam muito confusos, não sabendo dar informações precisas sobre o funcionamento do programa ou mesmo a quem deveríamos nos dirigir. Marcamos então uma reunião com o secretário que nos prometeu conceder uma entrevista, porém, sempre que íamos até lá, ocorria um contratempo. E outro fator que contribuiu para não concessão dessa entrevista, foi o fato de o mesmo encontrar-se em intensas atividades políticas devido ao período eleitoral.

Percebemos naquele órgão um clima de desconfiança, passando a impressão de que estivessem temerosos em deixar escapar alguma informação comprometedora, que porventura viesse a interferir na situação política. E isso foi um grande entrave para a nossa pesquisa, pois impossibilitou o acesso a documentos e informações mais detalhadas. Contudo, um dos colaboradores se disponibilizou a nos ajudar nos repassando assim um documento, o projeto do Programa Amapá Jovem. Dessa forma, como as informações no documento estavam desatualizadas quanto à localização dos pólos, tivemos dificuldades em encontrar as escolas onde estavam ocorrendo as oficinas de *hip hop*, partimos então para a coleta de dados através de entrevistas com os coordenadores⁷ dos pólos citados acima, a *DJ Preta* e o *B.boy Marquinho* para que houvesse um aprofundamento mais detalhado das informações.

3.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES

As oficinas de *hip hop* aconteceram, no período da pesquisa, nas segundas, quartas e sábados nos turnos da manhã e tarde. Elas deveriam ter a duração de 4 horas, mas por haver alguns imprevistos relacionados ao espaço físico e a certas normas das escolas em que são realizadas essas oficinas, às vezes os bolsistas são liberados mais cedo. As turmas contam com aproximadamente 20 bolsistas, sendo que alguns desistem, mas logo são substituídos por outros que aguardam na lista para serem chamados.

Nas oficinas realizadas no pólo da escola Coelho Neto, ministradas pela *DJ Preta*, os bolsistas aprendem a elaborar letras de *Rap* com temáticas levantadas por eles próprios acerca de suas realidades sociais, que podem ser desde um problema da comunidade a uma simples homenagem a alguém. Nas oficinas são também apresentados os instrumentos utilizados pelos *DJ's e MC's*, e a discotecagem. Esse é um meio de estimular a capacidade criativa do jovem, e ao mesmo tempo despertar a consciência deste, que ao abordar nas

⁷ Os coordenadores entrevistados são também militantes com uma trajetória relativamente longa dentro do movimento.

oficinas temáticas que envolvem problemáticas sociais, se faz necessário um olhar mais crítico e atento para a sociedade.



Figura 01: Oficinas de *Rap* sob a coordenação da *DJ Preta*.
Fonte: Arquivo pessoal. *DJ Preta*, 2010.

No pólo da escola Reinaldo Damasceno, coordenado pelo *B.boy* Marquinho, os bolsistas aprendem a dança de Rua denominada *break*. É outra forma do jovem conhecer a cultura, mas é um elemento que expressa uma comunicação não verbal utilizando apenas o corpo. Uma mudança apontada por eles, é o aumento da participação das mulheres no elemento *break* (dança de rua).

Ao analisarmos as entrevistas, identificamos que as respostas se encaixavam em três categorias de análise, a saber: a capacidade de auto-compreensão do papel social do *hip hop* para com o jovem, a forma como dialogam com as autoridades governamentais e a opinião dos militantes que não estão participando do programa.

Observamos através das entrevistas que os coordenadores mantêm uma postura firme e bastante contundente com relação ao seu papel social para com o jovem, como podemos observar nas declarações da *DJ Preta*:

Como eu disse antes a cultura *hip hop* assim como a capoeira esportes e outros sempre deram sua parcela de contribuição para o resgate de jovens envolvidos com o crime e prevenção para que outros jovens não passassem por aquilo também por isso houve interesse nosso, mas também do poder público para o *hip hop* estar presente nesse processo. (*DJ Preta*, coordenadora do Pólo da Escola Estadual Coelho Neto)

Isso mostra que eles estão atuando e acreditando no que estão fazendo, estão trabalhando com seriedade divulgando o conhecimento acerca de sua cultura, preocupação esta que também está presente no depoimento abaixo:

[...] quando deram oportunidade para o movimento entrar nas escolas, é pra gente mostrar para aquelas pessoas que tem preconceito com o *hip hop*, mostrar que não é aquilo que eles estão pensando, mas sim totalmente diferente, [...] hoje em dia a juventude que a gente vive a gente pode perceber que muitos jovens estão voltados muito ao álcool, ao fumo. Então a gente quer mostrar que nós não somos aquilo que eles falam, nós queremos tirar os jovens dessa situação. (*B.boy* Marquinho, coordenador do pólo da Escola Estadual Reinaldo Damasceno)

Assim podemos considerar que esses militantes e também coordenadores estão diante de uma oportunidade de mudança social e percebemos a boa vontade destes, o resto depende do grau de interesse dos jovens bolsistas.



Figura 02: Momento de interação durante a oficina de *hip hop*.
Fonte: Arquivo pessoal. *DJ Preta*, 2010.

A participação do movimento hip hop na política pública do Estado é algo que ainda tem provocado bastante polêmica na condução do movimento. Nesse sentido GOHN (2000, p.31) afirma:

As arenas de negociação passam a ser formatadas pelo poder público, fruto das novas políticas sociais. Criam-se processos e canais de participação e mais uma vez deve-se repetir: estes canais são conquistas do movimento social combativo, progressista e articulador de interesses dos excluídos da sociedade civil, mas junto com os novos canais estruturam-se também movimentos sociais que defendem demandas particularistas e estão voltados para atuarem como co-participantes das ações estatais.

Percebeu-se nas etapas desta pesquisa, que assim como as palavras citadas acima, o diálogo com os órgãos governamentais através das políticas sociais, é uma tendência que, apesar de concebida muitas vezes como negativa, é importante para que haja uma participação mais efetiva do movimento na esfera pública de forma que este possa ser ouvido e também ter a chance de apresentar propostas que venham contribuir para a melhoria da sociedade.

Os coordenadores e militantes do movimento, seguem a alguns critérios determinados pelo treinamento recebido na Escola de Administração Pública - EAP, onde receberam também uma cartilha falando sobre os princípios do programa e como proceder em determinadas situações. Eles possuem a obrigação de emitirem mensalmente relatórios sobre as atividades realizadas aos monitores e a cada seis meses participarem de eventos para exporem seus trabalhos realizados durante as oficinas, bem como suas demandas, e por sua vez entregam na SEJUV, sendo que muitas vezes os próprios militantes possuem autonomia para entregarem diretamente ao secretário. Consta também na proposta do Programa, que os responsáveis pelo seguimento cultural têm total autonomia para desempenharem suas atividades.

Os coordenadores que também são militantes, consideram um avanço o fato do movimento estar presente no programa, tal como esclarece a *DJ Preta*:

[...] Hoje o movimento está mais maduro e consegue dialogar com o poder público que vindo a reconhecer esses quase 25 anos de serviço social prEstado a sociedade de Macapá inseriu 15 pessoas qualificadas pela cultura *hip hop* contribuindo assim para a melhoria de vida desses jovens. (*DJ Preta*, coordenadora do pólo da Escola Estadual Coelho Neto)

Dessa forma podemos perceber que o movimento está adentrando os espaços públicos e a pergunta que se faz é: será que eles conseguirão passar por essa fase sem se deixar dominar pelo poder político e fortalecer o movimento? As declarações abaixo nos responde:

Então a gente “bate de frente” e fala a verdade mesmo, olha hoje em dia a política não acontece como devia ser. Só que, de um jeito ou de outro, abriram uma brecha pra gente, pelo menos a gente pôde conhecer várias pessoas, várias vivências, mudar também a cabeça de muitos jovens. [...] Então, é eles pra lá na politicagem e a gente com o nosso trabalho pra cá, até porque chegaram muitas vezes: vocês vão apoiar a gente? Não, nós vamos fazer o nosso trabalho, vocês não atrapalham a gente, a gente não atrapalha o de vocês. Mas eu acredito que tem, existe políticas públicas para a juventude, mas sempre por trás tem politicagem. (*MC Cabrero*, integrante do Grupo Sinfonia da Humildade e coordenador de um pólo na Associação de Moradores do Bairro do Congós)

Através desse discurso percebemos que eles têm consciência do contexto político em que estão inseridos e sabem o que estão fazendo, o porquê de suas ações e dos riscos que correm. Estão trabalhando independente das intencionalidades do governo, eles sabem que essa era uma aspiração há muito tempo esperada e, portanto, devem aproveitar essa oportunidade de forma mais coerente possível.

Algo que teve unanimidade na opinião dos militantes, foi quanto a questão do suporte estrutural para a realização das atividades, esse descontentamento fica evidente na fala da *DJ Preta* quando ela diz:

Houve melhoras, mas precisaria mais, porém dado a grandeza do programa e a abrangência é de se esperar imprevistos como a falta de material e a falta de compreensão de diretores de escolas. (*DJ Preta*, coordenadora do pólo da Escola Estadual Coelho Neto)

Outro descontentamento ficou evidente quando entrevistamos um dos militantes que não estava participando do programa, o *MC Póca* que declarou em seus relatos:

Em tese as políticas de governo deveriam dar suporte não para o fortalecimento, mas para as ações dos movimentos, porque mesmo não tendo o apoio necessário para o desenvolvimento de nossas ações o movimento encontra mecanismo para a realização de suas atividades. O governo ainda não compreendeu que o movimento é um importante instrumento de transformação social. (*MC Póca*, integrante do grupo Afroritmos e presidente da Federação Amapaense de *Hip hop*)

Como podemos observar nas falas dos militantes, as atividades são realizadas, os coordenadores que trabalham no programa Amapá Jovem recebem seus salários, no entanto, eles também falam a respeito dos pontos negativos, se concordam ou não com algumas coisas relacionadas à forma como vem sendo desenvolvido o programa e da falta de estrutura e materiais para o bom andamento das oficinas. Portanto, verificamos que os mesmos não demonstram um comodismo com a situação. Dizem que nem tudo depende apenas da decisão, do querer dos militantes, mas certamente das condições que possibilitem a estes efetivarem o processo de mudança social.

Desse modo, podemos afirmar através de nossa pesquisa que há um trabalho conjunto do movimento independente da intenção do Estado. A inserção do movimento *hip hop* no Programa Amapá Jovem constitui um avanço muito importante, apesar da forma como foi implementado, sem um devido planejamento estrutural, atendendo as expectativas apenas dos militantes mais jovens deixando os mais antigos de fora.

Fizemos também algumas observações nas escolas e percebemos uma certa indiferença por parte das mesmas para com os encarregados das atividades do Programa que muitas vezes tinham que retornar por falta de liberação do espaço físico na escola, ou seja, as condições são mínimas para a realização do trabalho. Durante as entrevistas percebemos também que a auto-estima dos militantes-coordenadores estava bastante elevada, sentindo orgulho de seu trabalho, sua cultura, e relatavam inclusive sobre as vezes em que foram presos confundidos com bandidos e agora são reconhecidos como artistas.

Isso demonstra a atuação inovadora desse movimento construindo a partir de suas demandas e da afirmação de sua identidade, a principal ferramenta de transformação política e

cultural. Isso mostra a importância dos movimentos sociais e sua contribuição para a ampliação da participação política.

Essa iniciativa constitui uma possível mudança positiva para o movimento *hip hop* do Estado do Amapá, pois este dispõe da oportunidade de dialogar com centenas de jovens na faixa etária de 15 à 29 anos, transformando-se em uma ferramenta para veicular temas referentes a realidade social, cultural e política de forma direta utilizando-se de seus elementos como a dança e a música, visto que estes elementos foram os mais abordados no programa.

4 O HIP HOP NA ESCOLA PÚBLICA

4.1 O HIP HOP COMO OUTRA POSSIBILIDADE EDUCACIONAL

Diante das multidimensionalidades do *hip hop* já dissertadas no segundo capítulo, vamos discutir agora um novo processo a que ele se propõe, outra possibilidade educacional, isto é, este movimento dentro das suas dimensões pode ainda ser compreendido sob um novo prisma, como um processo de “educação não-formal⁸”, visto que, atualmente, dentro de um contexto sócio-cultural não questionador e de uma educação muitas vezes tradicional, ambos herdados de uma ordem e um modelo hegemônico previamente determinado em que ainda nos encontramos, os adolescentes e jovens que conhecem, são participantes e atuam nesse movimento, podem ser movidos por uma força maior capaz de estimular a sua forma de perceber e contestar a sua realidade, força esta, baseada na liberdade de idéias. E assim, dentro do âmbito educacional passam a desenvolver uma consciência crítica competente que não mais aceita e se conforma, mas sim questiona e se preocupa em transformar os fatos, pois:

Os adolescentes participantes desse movimento são descritos como protagonistas de seu próprio processo educativo, no qual deixam de ser meros atores e agente de um modelo social e se tornam “autores de si próprios”, ou seja, no *hip hop* eles resgatam a educação como uma formação de “autores cidadãos”. (MAGRO, 2002, p.63)

Assim podemos dizer que no *hip hop* eles resgatam a educação como uma formação de “autores cidadãos⁹”, capazes de escrever a sua própria história e donos de uma visibilidade real pouco percebida acerca do campo social do qual fazem parte. Com isso, o *hip hop* pode ser entendido como um instrumento informal de se educar, isso porque, ao estimular uma consciência crítica desenvolve também nos alunos ideais por justiça, cidadania e democracia o que faz com que estes se tornem seres mais politizados e informados sobre a realidade social em que vivem através da ideologia e das formas culturais de expressão existentes neste movimento. Portanto, é possível dizer ainda que para se construir novos

⁸ A educação não formal pode ocorrer dentro das instituições educacionais ou fora delas, e pode atender a pessoas de todas as idades. Dependendo dos contextos nacionais pode compreender programas educacionais que oferece alfabetização de adultos, alfabetização básica para crianças fora da escola, competências para a vida, competências para o trabalho e cultura em geral. Fonte INEP: <http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/thesaurus.asp>.

⁹ A expressão “autores cidadãos” que também faz referência a expressão “autores de si próprios” é muito utilizada no artigo Adolescente como autores de si próprios: cotidiano, educação e o Hip Hop da autora MAGRO (2002, p.63). E estas expressões segundo a autora, servem para caracterizar adolescentes protagonistas do seu próprio processo educativo que deixam de ser meros atores e agentes de um modelo social.

olhares sobre as contribuições do *hip hop* para a “educação formal¹⁰” é necessário buscar alternativas ao modelo de educação que nos é imposto, e lançar mão de novas metodologias e alternativas sejam elas formais ou não, que atuem em prol do desenvolvimento intelectual, cultural e social do próprio aluno.

Portanto, percebemos que o *hip hop* possui uma função educativa, que se trabalhada de forma eficiente, pode contemplar os anseios dos educandos, e dessa forma ser uma ferramenta eficaz neste processo de conscientização e educação, pois este movimento se tornou principalmente para os jovens da periferia, um instrumento fecundo de mobilização e conscientização política, sendo que, através deste, os mesmos ocupam um espaço de articulação e atuação no meio social para reivindicar o direito de ser cidadão, participar do mercado de trabalho, para lutar contra a violência e a discriminação e para terem direito de voz e vez na sociedade, portanto segundo Andrade citado por Magro (2002, p. 69):

O jovem objetivando reafirmar a sua identidade (étnica e geracional) ao mesmo tempo em que reconhece a possibilidade de participar das relações sociais, exibindo suas opiniões na música ou simplesmente no estilo do grupo, consegue investir em seu autoconhecimento, faz pesquisas bibliográficas, organiza-se em grupos políticos, faz leitura de seu objetivo, politiza-se, instrui-se e deixa de ser um mero rapaz sem perspectivas de futuro. (ANDRADE, 1997 *apud* MAGRO, 2002, p. 219).

Podemos evidenciar algumas destas características observando as seguintes falas em entrevistas realizadas com os militantes do movimento *hip hop*, onde estes também expressam suas concepções e opiniões sobre o *hip hop* dentro das escolas públicas, e as possíveis contribuições deste movimento para a educação formal e para o desenvolvimento de uma consciência mais crítica e elaborada dos alunos diante do meio em que vivem, e das questões sociais que muitas vezes eles vivenciam, mas desconhecem, desta forma:

[...] a gente leva tudo o que a gente aprende a questão da ética para os jovens, ressaltando mais ainda a questão da educação na vida deles. Eles estão dentro de um processo educacional, mas nós levamos uma forma de educação super diferente, nós levamos uma educação de aprendizado de vida, nós levamos para eles outra visão de educação. Muitas vezes eles não se identificam com as matérias tradicionais, português, matemática, etc. [...]. Nas oficinas acontece uma educação de vida na realidade, a educação tradicional também é, mas muitas vezes é muita antiga, agora que estão incluindo a questão da história da África, dos afro-brasileiros que diz realmente a origem, a história de verdade, e aí os negros da periferia, de todas as classes sociais vão realmente se ver ali. É uma educação diferenciada, é uma

¹⁰ Educação oferecida em instituições educacionais formais, públicas ou privadas que normalmente se constitui em uma progressão de educação a tempo completo e corresponde às diferentes etapas em que se encontra estruturado o processo educativo, que asseguram sua unidade e facilitam a continuidade do mesmo. Sua finalidade é a aquisição de conhecimentos gerais e o desenvolvimento das capacidades mentais básicas. (cf. DB-Mercosul). Fonte INEP: www.inep.gov.br/pesquisa/.../thesaurus.asp?

educação que trabalha a cidadania dentro das escolas. Portanto, busca-se através do lazer se levar a cidadania, os direitos, os deveres, a forma de viver em sociedade e a forma de tratar as pessoas de igual para igual, com respeito, a valorizar, para que o jovem aprenda a valorizar a sua vida, a sua arte, o seu corpo, levar isso consigo e serem multiplicadores. Se o jovem percebe que o bairro dele tem problemas, então ele vai pensar em uma forma de transformar, é uma educação de cidadania através da cultura. (DJ PRETA, Coordenadora do pólo Coelho Neto).

O movimento precisava chegar a escola eu acho que é um meio de estar chegando de uma forma complementar junto à educação, eu vou dar o exemplo da dança, o jovem começa a adquirir o conhecimento sobre o que é a dança, o que é o *Hip hop*, como surgiu, ou seja, ele vai ter já um novo conceito, por que para pessoa começar a cantar, dançar ou discotecar, ele tem que saber o quê que ele está fazendo, qual é a história, como surgiu, acho que isso é uma forma também de uma educação formal, porque quando a pessoa entra para o Movimento *Hip hop*, ele começa a ter uma nova perspectiva de vida, porque ele começa a ter uma outra visão, uma visão crítica da sociedade e a respeito do Movimento *Hip hop*. Exemplo: a dança de rua é para pessoas inteligentes, porque para fazer certos passos, tem que ser inteligente, não é para qualquer pessoa e gostam disso e a mesma coisa para os outros elementos também. É uma forma também de educar, uma forma complementar [...] a participação está acima de tudo dentro dessa ligação com o *hip hop*, acho que isso ajuda a eles terem um entendimento melhor do que é o *hip hop*, dos aspectos sociais, não só da questão racial mais outros assuntos, acho que o *hip hop* leva isso, e isso ajuda os alunos a terem uma consciência crítica social. (B. Boy GUINHA, presidente da Federação Amapaense de Dança de Rua).

Com base nestes entendimentos, a educação seja ela formal ou não formal, não pode estar alheia aos contextos a que nos movemos, muito pelo contrário deve ser promotora de novas perspectivas e estar disposta a contribuir com as novas maneiras de se compreender e interpretar a sociedade na qual vivemos e a qual devemos melhorar.

Conseqüentemente, para ser efetiva, a educação não pode olhar apenas os aspectos intelectuais da construção do conhecimento. Neste caso, a educação deve buscar novos horizontes e proporcionar ao educando ir além dos limites sócio-culturais que caracterizam a educação formal. E o *hip hop* enquanto um movimento de luta e enquanto outra possibilidade educacional pode ser um desses caminhos, pois:

No tocante aos conhecimentos científicos (...), na ação educativa, se torna crucial a conscientização da grande diversidade cultural dos alunos, pois cada um dos indivíduos para o qual está voltada a Educação traz um mundo de significados e significações, que transparecem nas diferentes formas de andar, vestir, olhar, falar, nas maneiras próprias de expressar suas verdades, nas muitas linguagens verbais e não-verbais, que transcendem aquelas conhecidas e priorizadas nas sociedades letradas. (SESC, 2000, p. 16).

Neste contexto, em que a educação deve buscar novas possibilidades para que a mesma não se acomode diante das necessidades que o aluno tem em expressar suas verdades e questionar outras, o *hip hop* pode como uma nova perspectiva educacional, adentrar nestes espaços formais / institucionais e em um laço de coletividade contribuir para que a concepção acerca do papel da escola, seja a busca da construção de uma sociedade mais democrática ao

passo em que contribui também para que o objetivo dos alunos vise principalmente, compreender o mundo que o cerca e reconstruí-lo segundo os seus anseios baseados em princípios de cidadania. Desta forma, segundo Filho citado por Ribeiro (2008, p. 3-4),

É preciso se falar de contestação, de reivindicação, de luta coletiva em meio à discriminação, preconceitos, inclusive, no ambiente de educação formal [...], pois, a educação formal estaria deixando lacunas preenchidas pelo movimento *hip hop*, lacunas estas que são contempladas por expressões culturais que contribuem com o processo de educação e com a participação dos jovens na construção da sociedade brasileira.

Portanto, pode-se caracterizar o movimento *hip hop* também pela sua inter-relação e comprometimento com a educação, pois tem claramente o intuito de reunir jovens para uma ação coletiva voltada para uma conscientização política e de exercício da cidadania bem como para a discussão e aprendizagem de questões que ainda não são abordadas com profundidade na escola formal, como por exemplo, a exclusão social, violência, preconceito, a questão racial, etc., como também a cultura e a arte. As instâncias culturais do processo educativo não formal que acontecem no *hip hop* giram em torno das práticas cotidianas, da realidade do aluno proveniente da periferia, cuja reflexão em sala de aula pode avançar além das formações escolarizadas, ou seja, em direção a um conhecimento mais amplo. Logo, vale ressaltar que esta característica educacional que pode ser evidenciada no *hip hop*, possui diversas manifestações artísticas que atingem a sociedade e principalmente os jovens das periferias urbanas.

Destas manifestações destacaremos o *Rap* que segundo Silva *apud* Magro (2002, p.71) “é um estilo musical que possui letras e canções que denunciam a exclusão social e cultural, violência policial e discriminação racial”. E de acordo com Magro (2002, p. 71) “enquanto um meio de educação informal o *rap* se constitui como um processo espontâneo carregado de valores e representações e de transmissão de informações que suscitam a formação de uma consciência mais crítica dos seus ouvintes”. Assim, munidos de maior consciência crítica em relação aos problemas de sua sociedade, explorando questões sociais em suas letras, os *rappers* tornam-se porta-vozes da população da periferia, passam a adquirir maior conhecimento e conscientização política e, em conseqüência, surge uma maior preocupação com as questões sociais.

Diante do exposto, a força pedagógica do *rap* e do movimento *hip hop* como um todo, pode ser muito bem evidenciada pela parceria com as escolas públicas no objetivo de aproximar a escola de seus usuários, isto constitui uma atitude criativa que visa uma interação do universo escolar com a cultura jovem que nasce das ruas. E esta interação segundo Magro

(2002, p. 71) “abre um espaço para os *rappers* em nível de educação não formal atuar no espaço da educação formal. Interagindo desse modo, eles trazem para dentro da escola o debate sobre questões pertinentes à realidade social e cultural”, portanto, é possível dizer que o debate destas questões que permeiam a sociedade pode trazer conseqüentemente para a vida dos alunos, uma nova alternativa de informação capaz de promover uma visão mais crítica diante do mundo, visto que, consciência crítica é uma forma de relação com o mundo e a busca de compreendê-lo de modo concreto, e a pensar de modo questionador, objetivando uma atuação efetiva e coletiva de uma sociedade livre de idéias preconceituosas e mais conhecedora da sua realidade.

4.2 A FORÇA PEDAGÓGICA DO *HIP HOP*

Agora que já fundamentamos sobre as diversas formas de como o *hip hop* pode ser entendido como uma nova alternativa educacional enquanto um processo não formal de se educar, daqui em diante vamos compreender como ele pode adentrar estes espaços escolares formais e contribuir pedagogicamente com o desenvolvimento do processo educativo do próprio educando. E no objetivo de compreender a força desta cultura juvenil descreveremos a seguir a sua função educativa e como os seus elementos podem ser ferramentas eficazes na construção de novos saberes.

Primeiramente é importante destacar que o movimento *hip hop* chega às escolas através da parceria com o Estado, pois como já foi citado anteriormente no terceiro capítulo, é através de um programa político governamental, o Amapá Jovem, que o *hip hop* consegue por sua vez, adentrar nos espaços formais de educação, e através da sua ideologia, seus elementos e suas manifestações artísticas, como a música (*Rap, Mc, DJ*) a dança (o *break*) e a arte plástica (o *graffiti*), consegue se constituir como uma força pedagógica transformadora, e promotora de uma consciência mais crítica nos alunos que passam a participar e a conhecer melhor as idéias que são defendidas por este movimento.

Pois, diante da necessidade de sociabilidade dos indivíduos e da resistência à todas as formas de dominação ideológica, o *hip hop*, gira em torno de um processo educativo informal que anseia formar jovens protagonistas de ações propositivas que contribuam para a solução dos problemas da nossa sociedade ou para a transformação da ordem social. Nesse sentido as propostas pedagógicas do *hip hop* caracterizado academicamente como não-formal

e/ou informal buscam novas alternativas educacionais construídas acerca da interculturalidade e da liberdade de idéias.

Nessa perspectiva, os alunos participantes do movimento *hip hop* devem aprender durante o seu processo educativo, a contextualizar suas histórias, experiências e suas necessidades com seus sonhos e projetos muitas vezes reprimidos perante a sociedade. Só assim, estes jovens, através desta nova perspectiva educacional, se tornarão jovens com concepções livres, autores de si próprios, e deixarão de ser apenas atores de uma ordem e de um modelo social que os teme ao mesmo tempo em que os controla. E é a isso que o *hip hop* como um processo não formal de educação, através da sua força pedagógica deve se designar, promover ações capazes de reafirmar a autonomia e a consciência crítica destes jovens visando constantemente princípios de cidadania e justiça que constituam uma sociedade melhor, sendo que:

A educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania. Isso porque ela se constrói no processo de luta que é, em si próprio, um movimento educativo. A cidadania não se constrói por decretos [...]. Ela se constrói como um processo interno, no interior da prática social em curso, como fruto do acúmulo das experiências engendradas [...]. Falar da existência de um processo educativo no interior de processos que se desenvolvem fora dos canais institucionais escolares implica em ter, como pressuposto básico, uma concepção de educação que não se restringe ao aprendizado de conteúdos específicos transmitidos através de técnicas e instrumentos do processo pedagógico. (GOHN, 1992, p. 16-17).

Assim, é importante mencionar que o processo educativo também ocorre pela força pedagógica do *hip hop*, que por sua vez, possui uma importância muito grande dentro do contexto político-educacional, pois esta força que o movimento representa, pode ser capaz de criar estratégias de luta que possibilite ao educando ir contra qualquer ordem ou sistema que o impeça de perceber, pensar, refletir, agir e transformar a sociedade em que vive. As práticas pedagógicas deste movimento procuram lutar contra qualquer forma de exclusão e discriminação seja ela social ou racial, e de acordo com Gomes (2002) “estas práticas devem subsidiar as práticas pedagógicas dos professores [...] quando nos referimos à exclusão, estamos nos referindo às práticas excludentes que infelizmente ainda hoje caracterizam a escola”.

Um exemplo, é que atualmente mesmo já sendo lei, a grande maioria das escolas ainda não incluiu em seus currículos escolares o ensino da História da Cultura Afro brasileira que busca fazer com que os alunos conheçam melhor suas origens étnico-raciais, mais para isso, é crucial também que sejam implementados novos conteúdos e posturas que contribuam para que os professores melhorem seus propósitos com os educandos, é preciso reformular

toda uma forma de pensar e ver a cultura afro-brasileira e desenvolver uma pedagogia com referências às culturas afro descendentes que estimulem o senso crítico nos alunos, professores e outros atores da educação, desta maneira:

A escola é um espaço de poder, e é oficialmente o único espaço de educação onde o conhecimento formal tem sido repassado. A diversidade historicamente tem sido representada como algo exótico, folclórico. A abordagem superficial e distante do cotidiano escolar reforça estereótipos, naturaliza os problemas raciais e sociais, justificando-os por meio de recursos da psicologia (por exemplo: índio é preguiçoso, negro é violento, etc). Isso tem mudado com ações educativas dos movimentos sociais e a reivindicação de uma nova postura da escola em relação aos grupos étnico-raciais que compõem o povo brasileiro. Nesse sentido, a grande novidade é a inclusão da Cultura Afro no currículo e o tema transversal (que perpassa as matérias) chamado Pluralidade Cultural nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental. O afro-descendente tem buscado, através de pressões políticas e culturais, a inserção de seus valores no currículo escolar, reconhecendo a Educação formal como campo de disputa. O movimento negro tem pressionado e realizado ações que culminaram neste momento com a Lei nº 10.693, que inclui a Cultura Afro nos currículos de ensinos fundamental e médio. Sancionada em nove de janeiro de 2003 pelo Presidente da República, torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. (SILVA, 2007)

Sendo assim, a intenção é fazer com que a cultura afro-brasileira seja incluída nas disciplinas já existentes, visto que, a maioria da população brasileira é afro-descendente e precisa conhecer melhor suas origens, e nada mais importante para a apreensão destes novos saberes, do que estes conhecimentos serem ensinados e aprendidos na escola, pois esta deve também ser um espaço de valorização do ser humano e ter como um dos seus objetivos, práticas e ações educativas que visem a diversidade cultural dos próprios alunos, mas para isso:

Entre muitos objetivos é importante colocar como prioritários os seguintes: construir e desenvolver uma pedagogia voltada para a ancestralidade (raízes culturais) afro-descendentes em seus fundamentos e influências no Brasil; contribuir para uma pedagogia plural nas escolas públicas privilegiando o patrimônio cultural da maioria da população; difundir os trabalhos sistemáticos dos alunos, buscando uma direção voltada para a auto-estima das crianças, jovens e adultos, da comunidade escolar e da comunidade de forma geral, fazer com que o professor, ou quaisquer outros atores da educação pense e trabalhe de maneira ampliada, de forma a perceber que a igualdade só é possível com o reconhecimento e respeito pelas diferenças; recuperar a memória histórica, revisando a importância dos negros na formação étnico-social do povo brasileiro, possibilitando a vivência de novos saberes e sentires. (SILVA, 2007)

Portanto, não podemos deixar de fundamentar que a educação deve ser um processo de aquisição de conhecimentos com o objetivo de valorizar nos alunos sempre o seu saber já elaborado, suas origens, bem como o contexto em que os alunos vivem, ou seja, sua classe social, sua visão de mundo, sua origem racial, seus valores culturais e nesse sentido

formar jovens cidadãos que buscam através da coletividade e de princípios de cidadania a transformação da sua sociedade, pois conforme Gohn citada por Magro (2002, p.74):

A educação não-formal é como um processo de quatro dimensões. A primeira dimensão envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos como cidadãos; a segunda, a capacitação dos indivíduos para o trabalho; a terceira é aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários; e a quarta é a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal. A educação não-formal se caracteriza também por haver uma intencionalidade dos sujeitos para criar ou buscar certos objetivos por meio de ações e práticas coletivas organizadas em movimentos, organizações e associações sociais. (GHOHN, 1997)

Com isso, a educação escolar entendida ainda como um espaço de diversidades, deve também contribuir para o combate das desigualdades e possibilitar ao educando novas formas de enxergar o mundo, nesse sentido, o movimento *hip hop* atua como um movimento social de ações coletivas e contestadoras, que visa articular o desenvolvimento da cidadania e transformar a ordem estabelecida na sociedade brasileira, através da formação de indivíduos mais politizados, conscientes e combatedores das desigualdades sociais e raciais, pois segundo Gohn (1992, p. 111)

Os movimentos sociais das diferentes camadas sociais, com suas demandas, organizações, práticas e estruturas, possuem um caráter educativo, assimilável aos seus participantes e a sociedade mais ampla. Os resultados deste processo traduzem-se em modos e formas de construção da cidadania político-social brasileira.

Enfim, o *hip hop* possui práticas e estratégias pedagógicas que na maioria das vezes não são trabalhadas pela escola, e quando são trabalhadas, isto acontece de forma desarticulada e bastante limitadas.

Assim, este movimento utiliza-se de instrumentos como a música e as letras de *rap*, a arte da grafiteagem, a dança etc., que em conjunto buscam valorizar a cultura negra, discutir os diversos problemas e questões sociais como o racismo, exclusão e discriminação que não são abordados como deveriam ser pela educação formal, e principalmente, desenvolver uma cultura de identidade do aluno afrodescendente, mas sem esquecer que este se constrói com outros que não são afrodescendentes, mas que também são brasileiros, portanto, o movimento *hip hop* reivindica no campo da educação a afirmação da identidade do aluno enquanto um ser capaz de pensar e agir por si próprio, e ainda lutar contra qualquer forma de injustiça social, mas para isso é preciso primeiro que este aprenda e compreenda a realidade na qual ele está inserido.

4.3 A REALIDADE DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO FORMAL

Depois de dissertarmos sobre a importância de uma educação diferenciada, suas potencialidades e capacidades de se construir novos saberes, ou seja, todas as contribuições que o movimento *hip hop*, se em conjunto com a educação formal, pode promover em prol da educação dos alunos das instituições públicas. A partir de agora, vamos destacar como este movimento está atuando de fato nas escolas e perceber como se constitui a relação existente entre estes dois processos de educação, isto é, o *hip hop* como um processo não formal e a escola como um processo formal.

Primeiramente é importante destacar que o objetivo inicial da pesquisa com os alunos era atingir um público alvo de 100 alunos e de 25 alunos por escola, em quatro escolas públicas da cidade de Macapá, sendo duas escolas do centro urbano e duas da periferia, porém, como todo pesquisador precisa mergulhar no seu universo de pesquisa, nós mergulhamos no nosso e nos deparamos com diversas dificuldades até então desconhecidas, e uma das principais objeções foi conseguir encontrar e marcar um horário com os coordenadores e alunos do Amapá Jovem para a realização da pesquisa.

As escolas visitadas foram: Escola Santa Inês, e Escola Lucimar Del Castilho (mais próximas ao centro); Escola Reinaldo Damasceno, Cecília Pinto, Josefa Lucileide e Coelho Neto (mais próximas à periferia), sendo todas escolas estaduais da cidade de Macapá. Entretanto, as escolas em que conseguimos realizar a pesquisa depois de várias tentativas, foram somente duas: a Escola Estadual Reinaldo Damasceno, onde atingimos uma amostra de somente 16 alunos, e a Escola Estadual Santa Inês, onde atingimos uma amostra de apenas 14 alunos, ao todo aplicamos o questionário para uma amostra total de 30 alunos do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.

Contudo, foi possível realizar a pesquisa apenas nas escolas Reinaldo Damasceno onde conversamos com o coordenador Marcos Sarmiento de Souza, e Santa Inês onde conversamos com o coordenador Alex de Jesus Ferreira Mozinho. Na primeira escola no dia 12 de agosto de 2010 e na segunda escola no dia 13 de agosto de 2010, conseguimos aplicar os questionários aos alunos e foi possível de imediato perceber a realidade dos mesmos em relação ao seu processo educativo em via não formal, sendo assim, nesta etapa do quarto capítulo iremos destacar como ocorre no concreto a relação existente entre o *hip hop* e as escolas públicas.

Primeiramente, é válido dizer que a realidade da educação não formal presente no *hip hop*, encontra muitos obstáculos para de fato atuar de forma satisfatória dentro das escolas e estes, estão baseados principalmente na falta de estrutura nas oficinas, isto é, os coordenadores não dispõem de materiais suficientes para o desenvolvimento da dança (o *break*), como aparelho de som, CDs etc.; do *rap*, como músicas e apostilas com letras de *Rap* que enfatizam a realidade social; do *graffiti*, como *spray* e espaço físico para o incentivo as artes plásticas, enfim, em consequência de tudo isso, apesar deste movimento possuir uma grande força pedagógica capaz de constituir um pensamento mais crítico através de seus elementos, principalmente através das letras de *rap*, este em meio a tantos obstáculos, não consegue atuar significativamente dentro e em conjunto com as escolas, motivar nos alunos ideais coletivos de cidadania e liberdade de pensamentos mais críticos acerca da realidade sócio-política e cultural em que se encontram.

Enfim, os alunos¹¹ que participaram e contribuíram com este trabalho quando questionados sobre a contribuição do *hip hop* para a sua educação, e como ele poderia influenciar na sua forma de perceber e transformar a sua realidade, expressaram diversas opiniões que nos fizeram aumentar ainda mais o interesse por este debate acerca da questão de o *hip hop* estar adentrando os espaços institucionais de educação como uma nova proposta educacional, assim os alunos em suas respostas muitas vezes distintas, expressaram as seguintes falas:

O *hip hop* contribui porque me ensina a sair das drogas e de outros problemas, ensina também a quem pratica o movimento a enxergar o mundo de outra maneira. (R. A., Escola Santa Inês, 1º ano, anos 16).

Contribui principalmente no aspecto moral, pois aprendemos a respeitar as diferenças e aceitar os diferentes estilos. O *hip hop* tem uma história de muito esforço e luta pelos seus direitos e é um projeto de integração para os jovens que querem principalmente sair das ruas e ter um meio de socialização e o *hip hop* é uma ótima oportunidade, posso conhecer pessoas e ajudar a minha mãe nos meus estudos, é uma oportunidade para as pessoas conhecerem melhor o movimento. (A. R. de B., Escola Reinaldo Damasceno, 3º ano, 16 anos).

O movimento *hip hop* é uma dança que tem como objetivo tirar jovens da rua dentre outras coisas, influencia os jovens a verem um outro lado da vida, longe da violência e de drogas. O *hip hop* assim como outros movimentos sociais tem um papel muito importante no processo educativo de muitos jovens, visando sempre o bem-estar dos mesmos. (J. L., Escola Reinaldo Damasceno, 1º ano, 16 anos).

É um Movimento cultural que se integrou na vida dos brasileiros, mostra que a cultura amapaense ainda não foi esquecida e o Amapá Jovem busca incentivar a cultura no meio da juventude. Não me influencia em nada na minha realidade, mas mudou o meu conceito sobre os integrantes do Movimento. Contribui de várias formas devido ao fato que o *hip hop* mudou o meu conceito, antes diziam que todos os integrantes do movimento eram bandidos, era o preconceito que a sociedade tinha

¹¹ Para preservar a identidade dos alunos entrevistados optamos por abreviar os seus respectivos nomes.

com o movimento. Ele muda os conceitos dos estudantes. (W. R. S., Escola Santa Inês, 3º ano, anos 17).

Contudo, é importante levarmos em consideração o conhecimento adquirido pelo aluno em vias alternativas ao da escola, sendo relevante que tudo o que ele descobre vem a alterar não somente a sua vida, mas o meio em que vive, assim também como este meio o transforma, portanto, perceber a sua realidade é de extrema importância para o seu desenvolvimento, como um ser questionador e em constante mudança.

E neste sentido, no *hip hop*, o aluno pode viver novas descobertas e aprender a conhecer as questões que este movimento defende e discute; passar a conhecer a sua realidade e adquirir novos saberes que contribuam para o seu próprio desenvolvimento intelectual e também social, tornando-o um ser ativo capaz de construir sua cidadania de uma forma diferenciada, sob a ótica não somente da educação formal, mas também da cultura, através do movimento *hip hop*.

4.4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA PESQUISA DE CAMPO REALIZADA NAS ESCOLAS REINALDO DAMASCENO E SANTA INÊS

Ao interpretarmos e analisarmos as diversas falas e concepções presentes nas respostas dos alunos que serviram de amostra à nossa pesquisa, através dos dados coletados nas respectivas escolas, foi possível de imediato observar, através das múltiplas falas, que estes alunos conhecem algo ou algum aspecto deste movimento, mas, suas idéias em relação a este assunto infelizmente ainda são limitadas e inseguras. Estas evidências, aonde iremos com neutralidade apresentar os resultados, serão observadas nas tabelas e gráficos a seguir:

TABELA 1: Dados coletados referente à pesquisa realizada na Escola Estadual Reinaldo Damasceno.

ESCOLA ESTADUAL REINALDO DAMASCENO		
Questões	Respostas	Alunos
Pra você o que é o movimento <i>hip hop</i> ?	É um movimento que tira os jovens da marginalidade	8
	É um movimento cultural	2
	É um movimento que conscientiza os jovens	3
	É uma dança	1
	Não sabem	2
Em que aspecto o movimento <i>hip hop</i>	No aspecto social	8

influencia na sua forma de perceber e transformar a sua realidade?	No aspecto cultural	1
	No aspecto educacional	7
	No aspecto sócio cultural	1
	Não sabem	4
Pra você o <i>hip hop</i> é um movimento social, político ou cultural?	Social	8
	Político	0
	Cultural	4
	Sócio-cultural	3
	Social-político-cultural	1
De que forma o <i>hip hop</i> contribui com o desenvolvimento do seu processo educativo?	A conhecer melhor a realidade	3
	Contribui com o aprendizado na escola	4
	Contribui politizando e conscientizando os alunos	2
	Contribui de forma cultural	2
	Nenhuma forma	2
Quais as questões sociais que são debatidas dentro das Oficinas de <i>hip hop</i> ?	Não sabem	3
	Drogas e violência	4
	Discriminação e desigualdade social	4
	Valorização social	2
	Educação	1
	Gravidez na adolescência	1
O que o levou a participar do Programa Amapá Jovem?	Não sabem	4
	Poder melhorar a própria educação	2
	Pela inclusão social	8
	A dança	3
O que você acha do Movimento <i>hip hop</i> estar inserido na escola através do Programa Amapá Jovem?	O dinheiro	3
	Importante para se aprender uma nova cultura	7
	Interessante	3
	Bom	4
Dê sua opinião sobre a organização do Programa Amapá Jovem dentro da sua escola?	Não sabem	2
	Boa	5
	Responsável	3
	Excelente	5
	Regular	2
Não sabem	Não sabem	1

Fonte: Dados obtidos na pesquisa de campo, 2010.

TABELA 2: Dados coletados referentes à pesquisa realizada na Escola Estadual Santa Inês.

ESCOLA ESTADUAL SANTA INÊS		
Questões	Respostas	Alunos
Pra você o que é o movimento <i>hip hop</i> ?	É um movimento de luta contra as injustiças	2
	É um movimento cultural	5
	É um movimento social	1
	É um movimento que te faz perceber sua realidade	1
	É uma dança	4
	Não sabem	1
Em que aspecto o movimento <i>hip hop</i> influencia na sua forma de perceber e transformar a sua realidade?	No aspecto social	5
	Nenhuma	3
	Não sabem	6
Pra você o <i>hip hop</i> é um movimento	Social	1

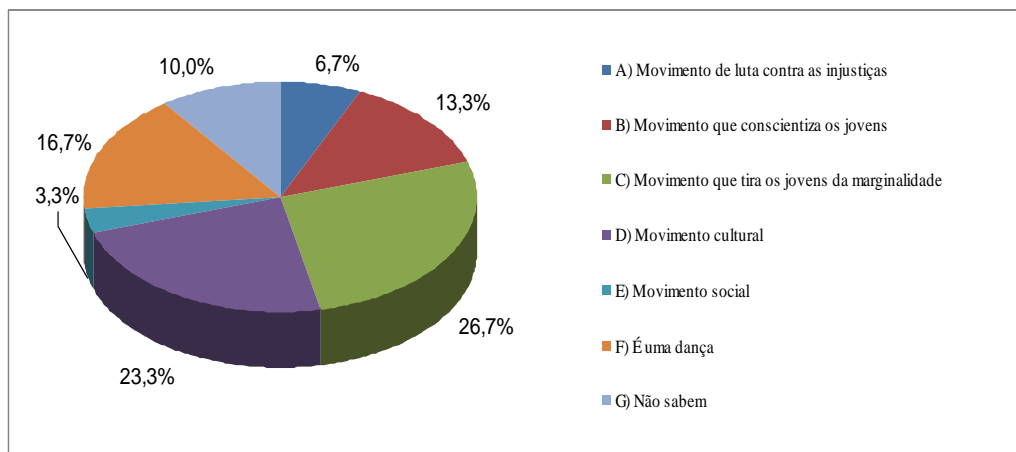
social, político ou cultural?	Político	0
	Cultural	11
	Político-cultural	1
	Não sabem	1
De que forma o <i>hip hop</i> contribui com o desenvolvimento do seu processo educativo?	A diminuir o preconceito	2
	A perceber a realidade	2
	Nenhuma forma	2
	Não sabem	8
Quais as questões sociais que são debatidas dentro das Oficinas de <i>hip hop</i> ?	Drogas e violência	1
	Discriminação e desigualdade social	2
	Valorização social	1
	Preconceito	4
	Nenhuma	1
	Não sabem	5
O que o levou a participar do Programa Amapá Jovem?	As propostas e oficinas do Programa	8
	Ocupar o tempo vago	2
	Porque é legal	1
	O dinheiro	2
	Não sabem	1
O que você acha do Movimento <i>hip hop</i> estar inserido na escola através do Programa Amapá Jovem?	Bom	6
	Ótimo	1
	Legal	3
	Não sabem	4
Dê sua opinião sobre a organização do Programa Amapá Jovem dentro da sua escola?	Boa	4
	Ruim	4
	Regular	3
	Não sabem	3

Fonte: Dados obtidos na pesquisa de campo, 2010.

4.4.1 Resultado percentual geral referente aos dados apresentados nas tabelas acima das escolas Reinaldo Damasceno e Santa Inês

Diante dos dados apresentados nas tabelas 1 e 2 que contém as respostas dos alunos, obtidas mediante a aplicação de questionários nas respectivas escolas, foi possível por meio da pesquisa quantificar os dados, e através de uma amostra percentual chegamos aos seguintes resultados que serão expostos nos gráficos a seguir:

Gráfico 1: Opinião dos entrevistados sobre o movimento *hip hop*.



Fonte: Pesquisa de campo, jul/ago 2010.

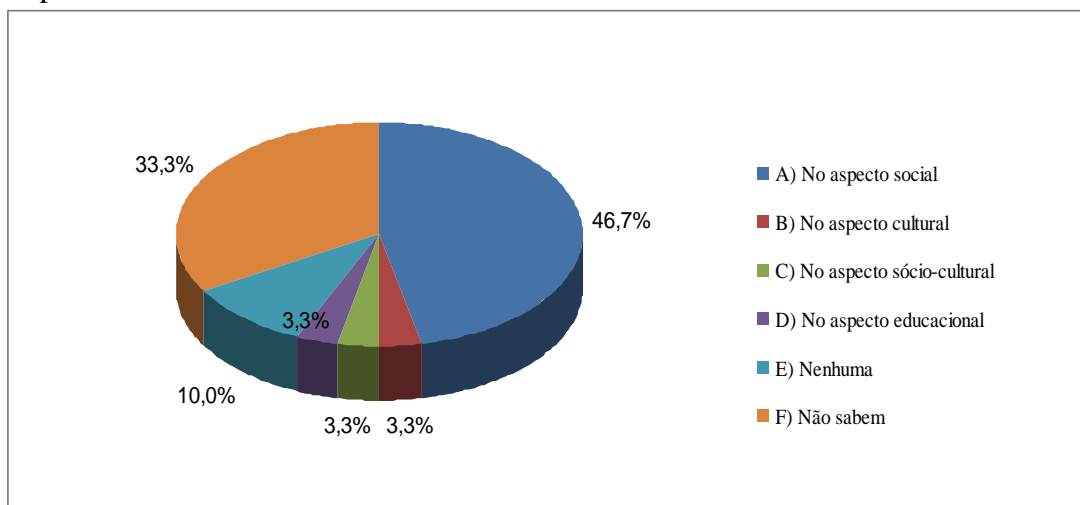
Podemos observar nesse gráfico que a maior parte dos bolsistas possui uma visão do papel social desenvolvido pelo movimento *hip hop*, uma vez que o movimento se propõe a trabalhar utilizando a cultura *hip hop* como atrativo para que, dessa forma, possa afastar do risco social principalmente os jovens que moram em áreas periféricas. Dessa forma, um dos ideais do movimento *hip hop* é trabalhar a conscientização da juventude.

Segundo Magro (2002, p.06-09) o *rap* é uma das manifestações artísticas mais utilizadas como forma de denúncia da realidade social. É através do *rap* que os militantes procuram conscientizar e ajudar os jovens a superar os problemas sociais e pessoais também, conforme explica MC Cabrero:

[...] acho que nem um professor de matemática ou português vai conversar contigo sobre as problemáticas da família, ou as problemáticas que tu tem na rua, e a gente tem essa capacidade de chegar contigo e perguntar: “pô, cara, tá acontecendo contigo esse problema, eu já passei, sabe como eu superei? Foi assim, assim, assim”, eu falo: “ei vem cá, escuta esse *rap* aqui, “vamo” vê se ele vai se ligar, “vamo” ver se vai amolecer o coração dele”, tem muitas coisas que a gente faz, que nem um professor graduado teria essa capacidade de fazer. (MC Cabrero, integrante do grupo Sinfonia da Humildade e coordenador do pólo da Associação de Moradores do bairro do Congós)

Portanto, a importância das oficinas de *hip hop* no programa Amapá Jovem, vai além da simples demonstração da ideologia e cultura do movimento, mas tem também como objetivo, passar uma mensagem e conseqüentemente poder mudar a realidade social da juventude.

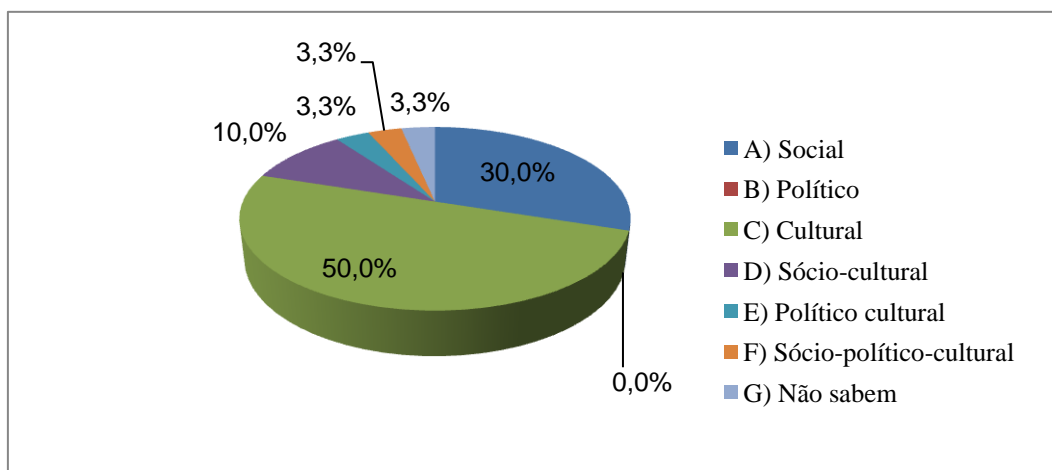
Gráfico 2: Percepção dos entrevistados quanto a influência do *hip hop* na sua forma de perceber e transformar a realidade.



Fonte: Pesquisa de campo, jul/ago 2010.

Neste gráfico o que chamou-nos a atenção e é crucial destacar, é que quase a metade dos alunos (46%) das respectivas escolas, responderam que o *hip hop* influencia a sua forma de perceber a realidade mais no aspecto social, assim, observamos que apesar deste movimento ser entendido, como foi bem ressaltado no segundo capítulo, pelos próprios militantes como um movimento com influências mais sócio-culturais, para os alunos, este por sua vez, os influencia mais no aspecto social, visto que, para eles é conhecendo melhor a sua sociedade, os problemas e as questões sociais engendradas na mesma, que perceberão de fato como se constitui a sua realidade e desta forma passarão a questionar o que até então não percebiam claramente no contexto em que vivem.

Gráfico 3: Para você o *hip hop* é um movimento social, político ou cultural?



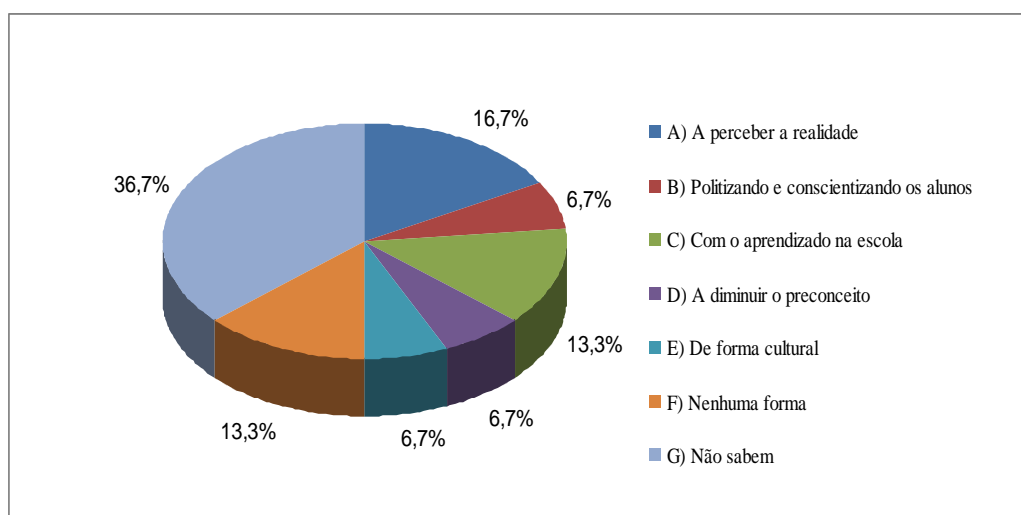
Fonte: Pesquisa de campo, jul/ago 2010.

A opinião dos alunos acerca da definição do movimento *hip hop* como movimento social, cultural ou político, ilustrada no Gráfico 3 não é uma opinião que difere da opinião da sociedade no geral, pois segundo Fochi (2007, p. 02), costuma-se achar que o movimento *hip hop* é somente um “gênero musical”. A causa desse pensamento pode ser associada ao fato de haver uma ênfase nos elementos culturais que o compõem, e por isso, na maioria das vezes o movimento *hip hop* é muito mais destacado como movimento cultural do que social:

O objetivo principal do *hip hop* é levar informação, levar conhecimento as comunidades. O jovem, que compõem o público que mais se identifica com o *hip hop*, gosta muito do *hip hop*, pela música, pelo *rap*, ou pela dança, ou pelo *graffiti*, ou pela discotecagem, se identifica com um dos elementos. Só que o jovem confunde, por exemplo, tem um jovem que dança, a dança de rua (o *break*), o *b.boy* tem que ter consciência, tem que ser politizado, ele tem que ter um conhecimento de causa, para poder chegar e conversar com qualquer pessoa. Então o *b.boy* carrega uma responsabilidade muito grande, assim como o *MC*, como o grafiteiro, como o *DJ*, então, o público se identifica com o movimento *Hip Hop*, através da cultura que o movimento tem, mas o objetivo do *hip hop* é levar justamente a informação. E o *hip hop* não é um movimento cultural, é um movimento sócio-cultural (...) (*B.boy* Spack, coordenador da companhia de dança Estilo Negro, de Macapá).

Os jovens, quando entram em contato com a cultura do *hip hop*, se sentem atraídos a participar do movimento, porém, o que os atrai é a cultura, o *break*, o *rap*, enfim as manifestações artísticas que constituem o movimento, por conseguinte, eles acabam por não conhecer qual a verdadeira essência do movimento.

Gráfico 4: Contribuições do *hip hop* para o desenvolvimento do processo educativo na visão dos entrevistados.

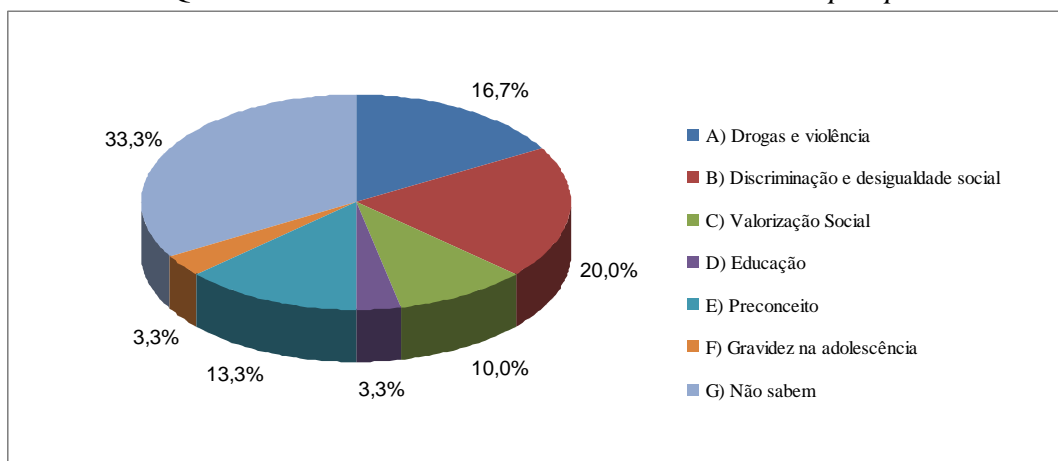


Fonte: Pesquisa de campo, jul/ago 2010.

Nesta situação percebemos que as respostas dos entrevistados em relação às contribuições do *hip hop* foram bastante limitadas em relação ao seu processo educativo, visto

que, os mesmos, em sua maioria (36,7%), não sabem como este movimento pode contribuir, e 13,7% responderam que este não contribui de nenhuma forma com o seu processo educativo, ou seja, aproximadamente cerca de 50% dos alunos não conheceram de fato quais são estas contribuições. Entretanto, pode-se dizer também, que os mesmos ainda que em menor quantidade, expressam opiniões bastante interessantes que nos mostram que estes alunos podem, através do *hip hop*, conhecer melhor a sua realidade e melhorar a sua educação. Isso se deve ao fato de que apesar de todos participarem de um mesmo contexto educacional, podemos dizer também social, dentre os que responderam de forma mais satisfatória, os mesmos adquiriram tais opiniões fora da escola, nos referimos aqui a um saber já previamente elaborado destes alunos.

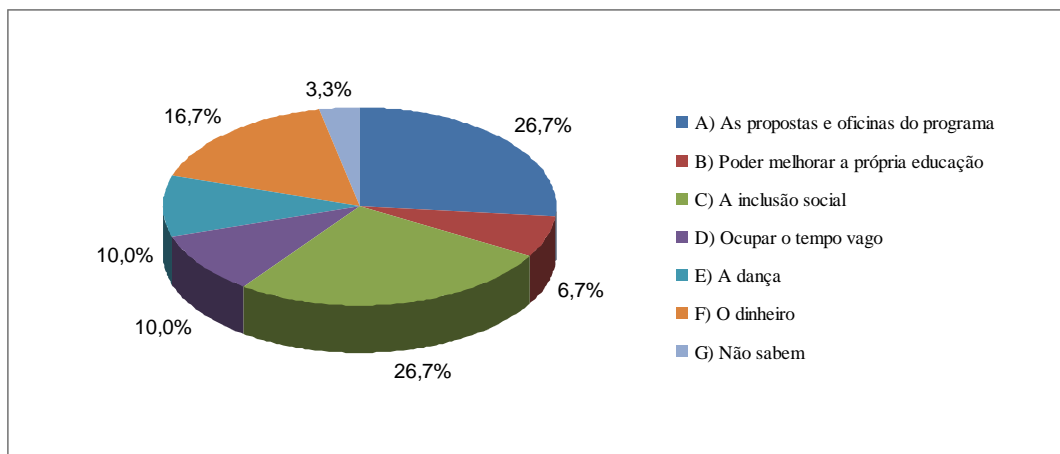
Gráfico 5: Questões sociais debatidas dentro das oficinas de *hip hop*.



Fonte: Pesquisa de campo, jul/ago 2010.

Neste gráfico podemos visualizar que a maioria dos alunos opinou que não sabia quais são os temas debatidos dentro das oficinas de *hip hop* do Programa Amapá Jovem. Porém, a somatória das porcentagens dos alunos que opinaram e deram exemplos de temas debatidos nas oficinas supera a de alunos que não sabem. Isto demonstra uma característica observada durante a pesquisa de campo, que foi o fato de que cada coordenador ministra um elemento da cultura *hip hop* no pólo em que desenvolve o trabalho, desse modo, uns trabalham com a dança (*break*) e outros com a música (*rap*). Os que trabalham com a música constantemente abordam temáticas sociais dentro das letras de *rap*, que é a característica manifesta deste elemento, porém, aqueles que trabalham com a dança, na maioria das vezes não desenvolvem temas sociais, somente a dança, esse pode ser o motivo para que, conforme o gráfico 5, uma porcentagem considerável de alunos não saiba quais as temáticas desenvolvidas nas oficinas de *hip hop*.

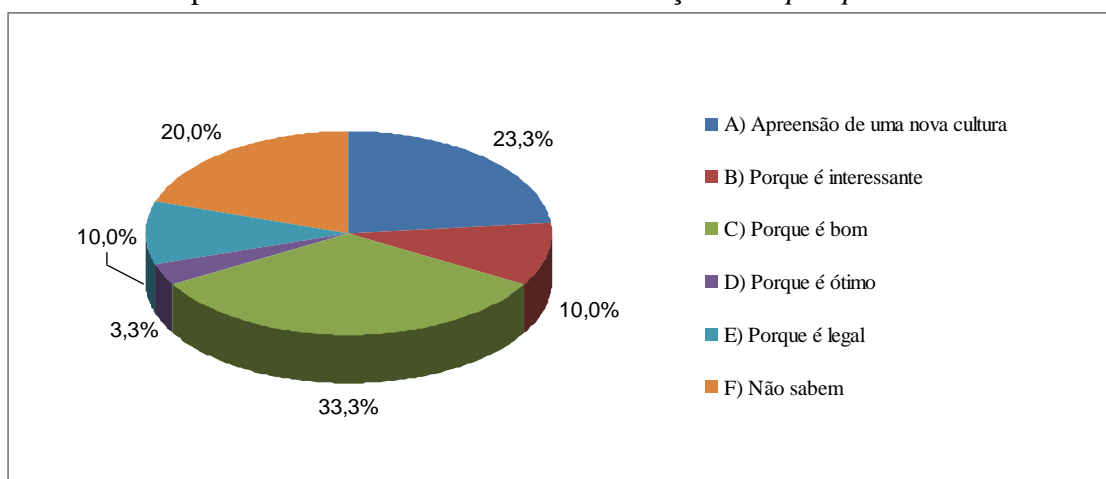
Gráfico 6: Motivos que levaram os entrevistados a participarem do Programa Amapá Jovem.



Fonte: Pesquisa de campo, jul/ago 2010.

Quando observamos estes resultados que indicam o mais alto percentual 26,7% que refere-se a inclusão social, percebemos que a maioria dos jovens reconhecem a importância do programa no que diz respeito as suas propostas e oficinas que juntas, visam principalmente uma maior sociabilidade de muitos desses jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade social, porém, o que chamou-nos a atenção em relação a esses motivos que os fazem participar do programa, foi que muitos, cerca de 16,7% responderam o dinheiro, isto é, o segundo principal motivo que os fazem participar do Amapá Jovem é a bolsa que estes jovens recebem no valor de aproximadamente 120 reais.

Gráfico 7: Opinião dos entrevistados sobre a inserção do *hip hop* na sua escola.

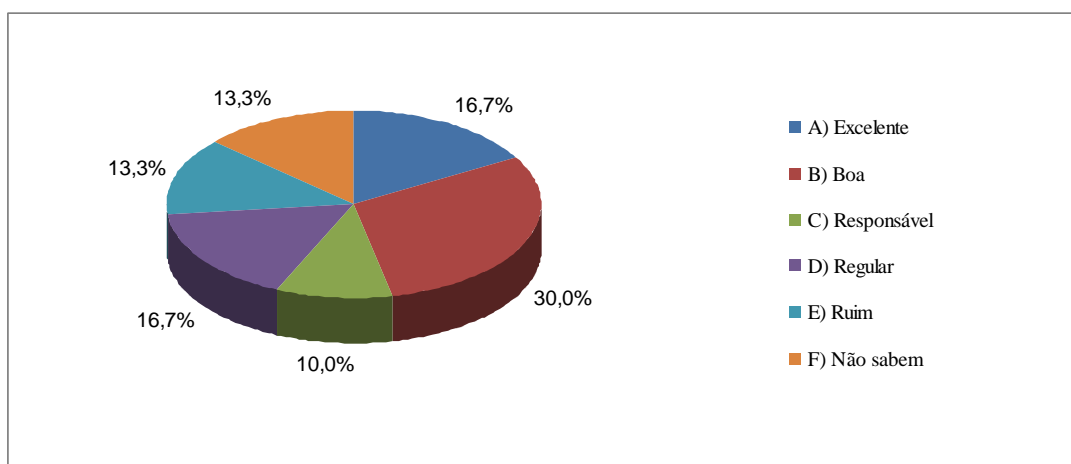


Fonte: Pesquisa de campo, jul/ago 2010.

Diante destes resultados podemos notar que, para os alunos, o *hip hop* dentro da escola ainda é algo novo, interessante e pouco conhecido, porém, é importante ressaltar que

também ainda é pouco eficaz, visto que como já foi citado anteriormente neste capítulo, este movimento ao adentrar as escolas publicas não conquistou de fato o seu espaço, e como pode ser notado na opinião dos próprios alunos, que em sua maioria acham que ele é apenas bom, ainda não há uma concepção totalmente formada e entendida de como este movimento pode ser inserido não somente nas escolas, mas também em suas vidas.

Gráfico 8: Opinião dos alunos sobre a organização do Programa Amapá Jovem dentro da sua escola.



Fonte: Pesquisa de campo, jul/ago 2010.

Nessa questão apenas 13,3% consideram a organização ruim e 16% a consideram regular, porém a maioria que corresponde a 30%, consideram boa, e isso implica dizer que ainda há, alguns aspectos que precisam ser melhorados, como por exemplo, estrutura física, materiais para as oficinas, metodologias que estimulem o interesses dos alunos, enfim, mais recursos que possam fazer com que a organização do programa Amapá Jovem seja satisfatória de fato aos alunos.

Posterior à pesquisa de campo realizada nestas escolas, por meio dos questionários aplicados aos alunos e dos respectivos dados coletados, partimos para a análise, interpretação e quantificação dos dados. Depois de todo este percurso chegamos aos resultados finais, constatando que na realidade o *hip hop* não atua nas escolas como deveria atuar, se realmente houvesse uma parceria conjunta e significativa entre o Estado, o movimento *hip hop* e as escolas públicas, visto que, este movimento consegue adentrar nas escolas somente através do Programa Amapá Jovem e apesar de seus esforços, não constitui uma parceria efetiva com as instituições escolares e nem com o Programa Amapá Jovem, o que acaba limitando não somente a organização do Programa, como também a interação entre

estes três seguimentos e o desenvolvimento do processo educativo via não formal dos próprios alunos.

Assim, tanto o *hip hop* quanto as escolas, estão caminhando em vias distintas e opostas, isso porque, mediante as observações em nosso trabalho de campo e da abordagem qualitativa feita com os coordenadores-militantes dos pólos do Programa Amapá Jovem e com os militantes do movimento *hip hop*, e da abordagem qualitativo-quantitativa realizada com os alunos das respectivas escolas, foi possível de imediato identificar que na realidade, apesar de existir oficinas de *hip hop* dentro do Amapá Jovem, que por sua vez, tentam interagir com e nas escolas, não há na prática parceria alguma entre estes três seguimentos que possa ser entendida como uma relação baseada na coletividade, interação e organização que de fato atenda as necessidades e expectativas de ambos.

Deve-se ainda destacar, que as observações e análises feitas nos levaram a perceber que os alunos, em sua maioria, conhecem pouco o que é de fato o movimento *hip hop* e como ele pode contribuir para o desenvolvimento do seu processo educativo, mas isso é consequência não da falta de interesse dos mesmos, mas, principalmente da falta de diálogo e parceria entre a escola, através dos professores, e o Programa Amapá Jovem, através dos seus coordenadores, que infelizmente, não se preocupam em estabelecer nenhuma relação que contribua e torne realmente eficaz o significado e a atuação do *hip hop* na vida destes alunos. E apesar do programa Amapá Jovem desenvolver atividades ligadas à educação não formal através das oficinas de *hip hop* dentro das escolas, podemos dizer que este movimento tem se construído em um contexto ambíguo, contexto este que incorpora muitas vezes nenhuma forma de luta e participação.

Logo, percebemos que os alunos que serviram de amostra para esta pesquisa são em sua maioria jovens das periferias, e suas falas em relação a este movimento ainda são bastante incertas e inseguras, isto é, embora tenham participado das oficinas de *hip hop*, estes por sua vez, não foram motivados como deveriam ser, e por consequência não compreenderam que este movimento é muito mais que a dança e as letras de *rap*, pois representa outras características importantes, como o compromisso com as modificações sociais levando sempre em conta a politização, a informação e a contestação diante das desigualdades sociais, preconceito, violência e principalmente a importância da educação, para que de fato ocorram as transformações tão esperadas na vida destes alunos e na sociedade como um todo, transformações estas originadas das contribuições que o movimento *hip hop* é capaz de gerar através dos seus muitos objetivos baseados principalmente nas suas

novas possibilidades educacionais, no seu comprometimento com a educação, na constituição de uma cidadania plena e no seu interesse pelo desenvolvimento crítico-social dos educandos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das entrevistas realizadas com os militantes, foi possível delinear um perfil sobre o movimento *hip hop* no Estado do Amapá. De acordo com a pesquisa bibliográfica realizada e com as entrevistas cedidas pelos militantes, a cultura *hip hop* é uma cultura híbrida que se adapta à realidade em que está atuando. No Estado do Amapá, por exemplo, o movimento utiliza os elementos da cultura local, como o marabaixo e o batuque, mesclando a cultura mundial do *hip hop* com a cultura local amapaense. E além de ser um movimento que chama a atenção por sua característica cultural, na opinião dos militantes o movimento *hip hop* também possibilita a integração do jovem na sociedade, para que o mesmo encontre o seu papel social e exerça o seu protagonismo, retirando-o assim das situações de vulnerabilidade social.

Outra característica acentuada nas falas dos militantes é a opinião de que o movimento *hip hop* brasileiro é díspar do movimento norte-americano, e para exemplificar essa afirmação, citam as letras dos *rap's* americanos, que para eles se diferenciam bastante das letras dos *rap's* brasileiros, cujo papel principal é denunciar as situações de exclusão dos mais pobres e marginalizados. Foi possível inferir com as entrevistas realizadas com os militantes, que em alguns aspectos as opiniões dos mesmos se aproximam e em outros se contrapõem. Pois, para alguns militantes o movimento no Estado do Amapá é bastante organizado se comparado com os de outros Estados, principalmente pelo fato de possuir duas federações, já para outros está muito aquém do que deveria ser, faltando mais integração dentro do próprio movimento e mais valorização de alguns elementos.

Uma das questões levantadas pelos militantes é a falta de apoio do próprio Governo para o desenvolvimento de seus trabalhos e de seus eventos, pois, segundo eles, para realizar qualquer evento é necessário obter recursos, porque precisam alugar o som, o local, pois o movimento não possui sede própria, e um dos meios de se obter esses recursos, conforme informações dadas pelos militantes, é o envio de projetos para outras capitais, através da sua ligação com os movimentos existentes em outros Estados, a fim de alcançar maior apoio e recursos financeiros. Portanto, o que pudemos constatar é que o movimento *hip hop* do Estado do Amapá, possui uma boa relação com o Governo, porém, ainda não é satisfatória, e não oferece a devida atenção e reconhecimento de que o movimento necessita.

Partindo da análise da proposta do Programa Amapá Jovem, constatamos que ele torna-se eficiente por convergir as ações tanto no seguimento social, a partir das atividades

sócio-pedagógicas¹² como no econômico, não apenas pela transferência de renda, mas também por procurar inserir o jovem de forma produtiva na sociedade através da elevação da empregabilidade atingindo assim sua emancipação econômica, pois, quando forem desligados do programa poderão estar inseridos no mercado de trabalho. Porém, ao partirmos para a pesquisa de campo, encontramos apenas os bolsistas que estavam inseridos nas atividades esportivas, culturais e de lazer. Para obtermos informações sobre os outros bolsistas da qualificação profissional, dos estágios remunerados e outros, seria necessário acessar os documentos restritos da Secretaria que deveriam estar disponíveis à sociedade, entretanto, tais documentos não nos foram cedidos devido ao período eleitoral.

No que tange a relação entre o movimento *hip hop* e o Governo, vimos que o movimento avançou no sentido de difundir a cultura e minimizar os preconceitos, mas ainda há muitos pontos que precisam ser melhorados, como a falta de estrutura para o desenvolvimento das atividades, o espaço físico, enfim, a forma como o programa vem sendo implementado para que assim a juventude amapaense possa dar um salto qualitativo em suas relações sociais e o próprio movimento possa ser mais fortalecido nessa relação.

Outro ponto que também ficou bastante evidente na relação entre o Governo e movimento foi a comunicação. Pois, segundo os militantes, os mesmos receberam treinamento, tiveram a oportunidade de dialogar diretamente com os secretários, levar suas demandas até eles, mas, de acordo com suas respostas, continuam expondo suas reivindicações, contestam quando necessário, enfim, possuem autonomia nessa relação. São conhecedores do contexto político em que estão inseridos, podendo assim atuar desempenhando seu papel social, aproveitando o espaço que lhes fora concedido para então efetivarem os seus objetivos de luta em prol do movimento.

Constatamos mediante a nossa pesquisa, que ficou evidente a questão da participação do movimento *hip hop* nos espaços públicos oportunizada pelo Programa Amapá Jovem, sendo que esta participação é uma necessidade do grupo e ao mesmo tempo um desafio de saber aproveitar essa oportunidade de forma coerente com os ideais do movimento, para que este consiga crescer, se expandir e cumprir com o seu papel social e ao mesmo tempo demonstrar realmente o que é a cultura *hip hop* diretamente para o público jovem.

A questão educacional foi outro ponto abordado em nossa pesquisa, pois, a educação faz parte da realidade e da necessidade brasileira, e é englobada por vários discursos tanto governamentais quanto por outros setores da sociedade civil de diferentes correntes

¹² Que visa a conduta social do Jovem através da cultura e lazer, ao combater a ociosidade, e isso constitui uma alternativa para se diminuir também a marginalidade presente nos bairros periféricos.

ideológicas, neste caso, destacamos o movimento *hip hop*. Este movimento, inserido nas instituições escolares, nos trouxe um debate bastante interessante acerca da relação existente entre estes dois seguimentos, visto que, o laço em comum que liga o movimento *hip hop* com a educação é a construção de uma sociedade melhor baseada em princípios de cidadania.

Entretanto, a face real desta relação entre o *hip hop* e a escola só nos mostrou que embora o *hip hop* seja entendido como um processo de educação não formal, de nada adianta este movimento possuir uma força pedagógica capaz de preencher as lacunas deixadas pela educação formal, se a própria escola e os próprios oficinairos de *hip hop* não interagem e não mantêm nenhum diálogo para que juntos atuem em prol do desenvolvimento da educação, sendo que, o único espaço que o *hip hop* ocupa dentro das escolas, é o que é cedido pela mesma sem compromisso algum com o que vai ser transmitido e ensinado aos alunos, esse espaço na maioria das vezes, é nada mais que uma sala, uma quadra ou qualquer área para o ensino da dança, o *break*, ou das letras de *rap*.

Neste contexto, o *hip hop* dentro das escolas se limita e se resume a isso, aos passos do *break*, que são transmitidos aos alunos, com isto, este movimento passa a ser visto a partir de apenas um dos seus elementos, é ensinado apenas como uma dança, toda a sua ideologia e as suas outras expressões culturais passam a ser sufocadas, limitadas e deixadas de lado, a sua arte e seus ideais, bem como as questões sociais e também raciais que deveriam ser debatidas e que são presentes nas letras de *rap*, não são introduzidas com eficiência no processo educativo dos alunos que, na essência não conhecem a verdadeira ideologia do movimento *hip hop* e a que ele se propõe quando atinge os espaços formais de educação.

Assim, no tocante da ação educativa, seja ela formal ou não formal, é preciso para o desenvolvimento do processo educativo como um todo, posturas e práticas coletivas que visem acima de tudo, o aprimoramento das capacidades intelectual e crítica dos alunos, para que então possam perceber que a sociedade em que vivem, precisa estar em constante mudança e assim ser melhorada.

Deste modo, para os militantes do movimento *hip hop*, as transformações precisam começar a partir de agora, pois só quando estes jovens são estimulados a pensar sobre sua realidade é que são motivados a transformá-la de acordo com suas necessidades, buscar novos horizontes, construir novos conhecimentos e lutar por uma sociedade mais justa e menos preconceituosa, entretanto, todo este caminho só poderá ser traçado através de uma meta, a educação. Aqui não nos referimos a uma educação com práticas ainda excludentes, acomodadas, sem perspectivas, metodologias e distante da realidade de seus alunos, mais sim a um novo processo educacional, a uma nova possibilidade para a construção de novos

saberes, novas concepções e novas atitudes, uma educação sem formas definidas e acabadas, onde, em primeiro lugar, os educandos tenham sempre a oportunidade de se tornarem protagonistas do seu processo educativo e também de suas vidas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. N. *Hip hop: movimento negro juvenil*. In: ANDRADE, E. (Org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações Educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (Org.) **Multirreferencialidade Nas ciências e na educação**. São Carlos: EDUFSCAR, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: apresentação. Rio de Janeiro, 2002. 24 p.

_____. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 3 p.

_____. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 2 p.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 2 p.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002. 7 p.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002. 6 p.

_____. **NBR 14724 Emenda 1**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005. 1 p.

BARBOSA, J. G. Educação para a formação de autores-cidadãos. In: BARBOSA, J. G. (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EDUFSCAR, 1998.

BONORA, Mariana Machado; BURITI, Pedro Leonardo Alonso; CARVALHO, Juliano Maurício de. **O Rádio como o meio de divulgação do Movimento hip hop**. 2008. Disponível em: <[www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path\[\]=564&path\[\]=400](http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path[]=564&path[]=400)> Acesso em: 05 de jul. 2010.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. **Movimentos Sociais na América Latina**, 1987. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_03/rbcs03_02.htm>. Acesso em: 23 de jun. 2010.

CORREA, Leonildo. **Movimentos Sociais e Educação**. Resumo. Disponível em: <<http://www.leonildocorrea.adv.br/movimento.htm>> Acesso em: 02 de jun. 2010.

CUNHA JR., Henrique. **Ver vendo, versando sem verso, escrevendo e se inscrevendo no Hip hop**. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/031/31ccunha.htm>> Acesso em: 17 de ago. 2010

FERNANDES, Judite Canha. **Redes e Movimentos Sociais sob os novos paradigmas da informação.** [2007]. Disponível em: <<http://badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM4.pdf>> Acesso em: 16 de ago. 2010.

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. **Hip hop brasileiro Tribo urbana ou movimento social?** - dissertação de mestrado, FACOM - nº 17 - 1º semestre de 2007. Disponível em: <http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf> Acesso em: 26 de jun. 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação.** São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Questões da nossa época, vol. 5.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Os sem-terra, ONGs e cidadania:** a sociedade civil brasileira na era da globalização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GOMES, Rafael. **Hip hop e Educação:** educação popular como arma de luta. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/02/307114.shtml>> Acesso em: 10 de abr. 2010.

GOMES, Ana Beatriz Souza. **O movimento negro e a educação escolar:** estratégias de luta contra o racismo. Disponível em: <www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/.../GT.../GT14_2_2002.pdf> Acesso em: 17 de ago. 2010.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **Adolescentes como autores de si próprios:** cotidiano, educação e *Hip hop*. 2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n57/12003.pdf> Acesso em: 23 de mar. 2010.

PORTAL AMAPÁ JOVEM. Disponível em: <<http://www.ampajovem.ap.gov.br>>. Acesso: 23 de maio de 2010.

QUIRINO, Flávia Valéria. **Mediador cultural:** o movimento *hip hop* e a formação para a cidadania. IV ENECULT - Encontro de Estudos multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil, 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14526.pdf>> Acesso em: 02 de jul. 2010.

RIBEIRO, William de Góes. **Trajetórias de um Hip hop crítico-transformador:** contrapondo discursos e leituras de mundo dionisíacos e tribais. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/.../ABEP2008_1338.pdf>. Acesso em: 17 de ago. 2010.

SANTOS, Jaqueline Lima. **O sentido da negritude nas batidas de hip hop:** do quilombo para a periferia. [2007] Disponível em: <<http://www.forumafrika.com.br/JaquelineSantos.pdf>> Acesso em: 02 de jul. 2010.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das Mobilizações às Redes de Movimentos Sociais. **Sociedade e Estado.** Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf>> Acesso em: 17 de ago. 2010.

SCHOBBER, Juliana. **Hip hop**: das seções policiais para os cadernos culturais dos jornais, 2004. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252004000200025&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 de jun. 2010.

SESC. Serviço Social do Comercio. **Proposta Pedagógica**: educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: Sesc, 2000.

SILVA, Flávia Maria Braga. **Ensino da História e Cultura Afro-brasileira**. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/.../o-ensino-de-historia-e-cultura-afrobrasileira-a-distancia-presentation - Estados Unidos>> Acesso em: 18 de ago. 2010.

ANEXOS

APÊNDICES

